

ESTE PORTO LEVA A MARCA DA AGRICULTURA GAÚCHA

Resultado da união de esforços de agricultores sob bandeira cooperativista, representa o símbolo somador do homem que pluraliza-se ao dar-se às mãos em prol de uma causa comum. No dia 22 de julho ele foi

inaugurado com presenças de autoridades, empresariado e agricultores cooperativistas. Vejam nas páginas 4, 5 e 6 desta edição, a reportagem e os discursos das autoridades e líderes empresariais e cooperativistas,

Este Terminal é o maior da America Latina e um dos maiores do mundo, podendo operar com 3 tipos diferentes de cereais, simultaneamente

Capacidade de escoamento: 2000 toneladas/hora

Capacidade total de recebimento: 1.500 toneladas/hora

Capacidade estatica dos 8 armazens: 220000 toneladas

Procedencia do material usado na construcao do Terminal: brasileira

Projeto: brasileiro

This Terminal is the biggest in Latin America and one of the biggest of the world. It can operad with three different types of cereals, simultaneously.

Outflow capacity: 2.000 tons per hour.

Total inflow capacity: 1.500 tons per hour.

Static capacity of the 8 storehouse: 220.000 tons.

Origin of the material used in the construction of the Terminal: Brazilian.

Project: Brazilian.

Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto



COTRIJUI

Imagem

Rua: José Hickembick, 66
Caixa Postal, 111
Fones: 2160 - 2161 - 2162
Inscr. 065/00070
Inscr. INCRA Nº 248/73

C.G.C. 90 726 506/001

ADMINISTRAÇÃO

Direção Executiva:

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva.

Vice-Presidente: Arnaldo Oscar Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores: Alceu Carlos Hickembick e Euclides Casagrande.

Conselheiros efetivos:

Alberto Sabo, Amaury Marks, Alfredo Driemeyer, Carlos Krüger, Itelvino Sperotto e Reinoldo Luiz Kommers.

Suplentes:

Elcides José Salomoni, Hugo Lino Costa Beber, Renaleto Fontana e Zeno Foletto.

Conselho Fiscal efetivos:

Herbert Hintz, José Cláudio Koehler e Jaci Luciano de Souza.

Suplentes:

Harri Reisdorfer, Flávio Carlos Sperotto, Emílio Uhde.

Armazéns:

Sede - Ijuí	98.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	20.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Tenente Portela	10.800 T.
Vila Jóia	20.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao quadro social. Nossa tiragem, 11.000 exemplares.



Associado da ABERJE Associação Brasileira de Editores de Revistas e Jornais de Empresa

EXPEDIENTE

Redação e Administração:

Rua José Hickembick, 66 Cx. Postal, 111 - Fone 2160.

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob nº 9.

Redator: Responsável -

- Raul Quevedo -

registro profissional no MTPS 1176 matrícula na SJPPA nº 550 sócio da Associação Riograndense de Imprensa nº 1571.

Colaboradores: Rui Polidoro Pinto, Rui Michel e Walter Frantz.

Composto no "Jornal da Manhã" - Ijuí e impresso em máquina rotativa off-set no "Diário Serrano" - Cruz Alta

EDITORIAIS

QUANDO OS HOMENS SÃO SOLIDÁRIOS

A COTRIJUI inaugurou oficialmente seu Terminal Graneleiro na Quarta Seção da Barra, em Rio Grande, em ato levado a efeito na manhã de 22 de julho último, com a presença de altas autoridades e personalidades empresariais representando todos os setores de atividade e lideranças do cooperativismo gaúcho. O Terminal recebeu o nome de Luiz Fogliatto, seu grande impulsionador.

Obra de porte a igualar-se às maiores do mundo, no gênero, pode se dizer que a mesma deu maioridade ao País no que se refere a embarque de grãos sólidos, via-marítima.

Detendo uma capacidade de armazenagem de 220 mil toneladas estáticas e oferecendo uma perspectiva dinâmica incalculável, é obra versátil, podendo receber e carregar produtos de trens, de caminhões e de navios, em condições neste último caso, de carregar e descarregar simultaneamente.

O Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto", símbolo da união do homem em prol de causa comum, alargou as fronteiras da agricultura gaúcha desde as regiões penhascosas da serra até a faixa litorânea, ampliando, conseqüentemente, os horizontes de perspectivas do agricultor, que plantou sua marca registrada na costa atlântica.

Espécie de monumento erguido na rota dos caminhos do mar, o Terminal da COTRIJUI impõe além da sua gigantesca forma física, que sobressai da estrutura de aço e concreto, o poder da união do homem na busca das grandes conquistas sociais e econômicas. Fato, talvez, único em todo o mundo, o Terminal da COTRIJUI simboliza um somatório de esforços que inclui as forças da produção com o Governo, através dos seus veículos financiadores.

Ao falar na oportunidade de inauguração da obra, o diretor-presidente Ruben Ilgenfritz da Silva ressaltou essa participação. Lembrou, a partir do grande estimulador do Terminal, Luiz Fogliatto, prematuramente desaparecido quando realizava o melhor de seu trabalho criador, diversos outros nomes representativos do cenário governamental e financeiro do Estado e do País, que acreditando no trabalho e na força da união de simples agricultores, prestigiaram o empreendimento até sua conclusão total.

O Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto" simboliza a força da união, o espírito da solidariedade do homem em relação aos seus próprios empreendimentos e identifica a solidez do cooperativismo quando dirigido em busca de empreendimentos que procurem a plenitude da satisfação do todo social. Simboliza também o agricultor de hoje: diligente, batalhador e audaz, na busca das próprias conquistas sócio-econômicas, através da filosofia cada vez mais pujante do cooperativismo realizador.

E A FISCALIZAÇÃO DE FERTILIZANTES?

A Lei nº 6.138 de 8 de novembro de 1974, que dispõe sobre a inspeção e fiscalização do comércio de fertilizantes, corretivos e inoculantes destinados à agricultura, teve sua regulamentação promulgada pelo Decreto nº 75.583, de 9 de abril último. Esse Decreto regulamentador foi publicado, na íntegra, na edição de junho do COTRIJORNAL.

A inspeção e execução da respectiva fiscalização, conforme preceitua a Lei, é atribuição específica do Ministério da Agricultura, através do Departamento Nacional da Produção Vegetal. Adverte, no entanto, o Decreto regulamentador, que o Ministério da Agricultura poderá, mediante convênios, delegar às secretarias de agricultura ou órgãos correspondentes nos Estados Territórios e no Distrito Federal, poderes para a execução desse trabalho de cumprimento da Lei.

Aí está uma excelente oportunidade para o Ministério da Agricultura dinamizar uma fiscalização no setor, que de há muito se faz necessária. Ao regulamentar a Lei disciplinadora, o Governo teve a preocupação de deixar aberta uma porta para usar com eficiência os meios capazes de preservar os efeitos da própria Lei.

Achamos apenas, que o Governo pode ampliar mais esse poder de Lei, estendendo a ação fiscalizadora a outros órgãos diretamente interessados no setor e que não estão enquadrados no citado diploma: as cooperativas. Estas, pela estrutura que possuem hoje, inclusive mantendo em seus quadros técnicos, funcionários especializados e engenheiros-agrônomo, muitos inclusive com cursos de extensão universitária, a nível de mestrado, são os órgãos mais interessados em desenvolver um eficiente trabalho de participação colaboracionista.

Em toda a região trigo-soja do Rio Grande do Sul, exatamente aquela região que consome as maiores quantidades de fertilizantes, existem cooperativas com infra-estrutura capazes de comportar o funcionamento de laboratórios bem equipados, para análise dos adubos consumidos. Esses laboratórios poderão funcionar sob a fiscalização direta da equipe do próprio Ministério da Agricultura. Com o decorrer do tempo e das necessidades, o laboratório do Ministério funcionaria como fiscalizador de laboratórios e não mais de amostras isoladas.

Essa descentralização, em nosso entender, será a maneira pela qual o Governo poderá dar cumprimento efetivo à Lei que promulgou, regulamentando-a através do citado Decreto 75.583, de 9 de abril último. As cooperativas tritícolas, além de possuírem infra-estrutura para a efetivação de tal serviço, inclusive sem investimentos significativos, são organismos diretamente interessados no cumprimento da Lei.

CRESCIMENTO DA SOJA NO MUNDO

Soybean Digest", revista editada mensalmente pela American Soybean Association, de Hudson, Iowa, publicou em sua edição correspondente a março, uma estatística sobre a evolução da soja nos principais países produtores, destacando a situação em área cultivada, o rendimento médio por hectare e a produção global de cada país, analisadas as safras dos anos de 1971, 1972, 1973.

Os países estudados foram os Estados Unidos, Brasil, China e Japão. Nos dados levantados para a China, falta a área cultivada no ano de 1973, e os do Japão, faltam área plantada e rendimento por hectare, também do ano de 1973.

O manuseio dos números levantados pela "Soybean Digest, mostram o crescimento ordenado da lavoura de soja no Brasil, enquanto os demais países produtores, inclusive os Estados Unidos, mostram oscilações para mais e para menos em quaisquer das rubricas analisadas neste comentário.

A revista americana chama a atenção para o crescimento da lavoura sojícola brasileira, tanto o crescimento da área como o de rentabilidade média por hectare, que na safra de 1973 aproximou-se acentuadamente da média norte-americana. Os analistas da American Soybean Association sabem que com as novas tendências dos lavoureiros brasileiros em adotarem as técnicas pela engenharia agrônoma, cujos resultados positivos tem sido flagrantes nos últimos tempos, a evolução da produção média no Brasil vai manter os mesmo índices para cima.

Nos três anos em análise, a área cultivada com soja no Brasil subiu de 2.355 mil hectares para 4.218 mil, praticamente dobrando o montante de área, no período, segundo relata a mencionada publicação. O rendimento médio da produção, com evoluções bem mais tímidas, é verdade manteve a tendência de alta. Mas já a produção total, por consequência do elevado crescimento da área cultivada, aumentou de 3.663 mil toneladas para 6.996 mil toneladas.

Fato que chama a atenção do leitor atento, é o revelado pela revista quanto aos rendimentos que vem sendo observados na lavoura americana de soja, com reações negativas nos anos em análise. Na safra 1971 os americanos obtiveram a média de 1.881 quilos, em 1972, 1.868 quilos e em 1973, apenas 1.592 quilos por hectare.

A produção global dos norte-americanos foi a seguinte: em 1971, 32.175 mil toneladas; 1972, 42.337 mil e 1973, 33.834 mil toneladas.

A revista mostrou, para cotejo, as produções da China e do Japão, através dos seguintes algarismos: A China cultivou 8.399 mil hectares em 1971, baixando para 8.013 em 1972. Colheu 6.296 e 6.696 mil toneladas, respectivamente, nos dois anos em referência. A revista não relacionou a situação da produção chinesa de soja na safra de 1973. O que chama a atenção, porém, são os baixos rendimentos de produção, que equivalem, nos anos considerados, praticamente a metade da produção brasileira, já de si considerada baixa.

O Japão é apresentado pela Soybean Digest no mesmo período da China — 1971 e 1972 — com áreas cultivadas de 685 mil e 698 mil hectares, e colheitas de 514 mil toneladas e 528 mil toneladas, respectivamente. Os rendimentos do Japão são ainda menores do que os verificados na China: 685 e 759 quilos por hectares respectivamente.

Mas a relevância da análise pertence sem dúvida ao Brasil, cujo crescimento de área cultivada e rentabilidade de produção, parecem preocupar os sojicultores estadunidenses, que vislumbram desde já uma força de competição no mercado da soja, que soma pontos em escala crescente no campo altamente disputado de mercância internacional.

PAISES INDUSTRIALIZADOS RECUPERAM A ECONOMIA

WASHINGTON — o quadro dos balanços de pagamentos das nações que integram o bloco capitalista sofreu uma forte alteração durante o primeiro trimestre deste ano, com uma drástica baixa dos países exportadores de petróleo e com uma grande recuperação dos países industriais.

De acordo com estatísticas publicadas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), a situação é a seguinte:

— Os países industriais que tinham visto aumentar constantemente seu déficit coletivo desde fins de 1973, passaram

de cerca de cinco bilhões de dólares de Direitos Especiais de Saque (DES, que equivale a cerca de 1,2 dólar) no ano passado para superavit de 616 milhões no primeiro trimestre de 1975.

— Os excedentes combinados dos principais exportadores de petróleo, que tiveram uma média de oito milhões de DES em 1974, reduziram-se para 3,8 milhões no primeiro trimestre.

— A situação mais dramática é a do restante dos países produtores de matérias-primas, que demonstram poucas mudanças do déficit de um bilhão de

DES que sofreram durante o primeiro trimestre do ano passado, em comparação com o mesmo período deste ano.

O movimento dos balanços dos países industrializados que se observa nas estatísticas dá conta que, durante o primeiro trimestre de 1974, seu déficit chegou a 2.161 bilhões de DES; no segundo, a 3.630 bilhões; no terceiro, 2.966 bilhões; e no quarto, ao seu ponto culminante, com 5.018 bilhões.

É de se notar que os déficits dos países industrializados aumentaram constantemente, com exceção do terceiro trimestre. Essas quedas coincidiram com a extraordinária alta nos preços do petróleo iniciada em fins de 1973.

Paralelamente, nos países exportadores de petróleo, observava-se uma diminuição em seus excedentes de balanço de pagamentos devido aos programas de austeridade e poupança de energia impostas pelas autoridades dos países industrializados, a fim de enfrentar o alto custo da energia.

Inflação Americana Mantém-se em 7%

WASHINGTON — O presidente do Banco Central — Reserva Federal dos Estados Unidos, Arthur Burns, disse que o objetivo que o País busca neste período em que a economia parece se recuperar, é o de uma moderada expansão da circulação monetária.

Numa intervenção na Câmara dos Representantes, o chefe da Reserva Federal explicou esse objetivo pela fato da inflação norte-americana permanecer "ao nível intolerá-

vel" de sete por cento, em média.

Burns afirmou que o Reserva Federal não vê nenhum motivo para modificar os objetivos que tinha no mês de abril passado, que previam, entre outros, uma expansão da circulação monetária entre 5 e 7,5%, em média. Segundo alguns setores do Parlamento, a economia norte-americana precisaria agora de uma injeção mais vigorosa no meio circulante, para facilitar a "decolagem" da economia, depois de um ano e meio de recessão.

PARIS E BONN JÁ TEM PLANO ECONÔMICO COMUM

BONN — A França e a Alemanha Ocidental vão por em prática, no curso do próximo mês ou mais tardar em princípios de setembro, uma série de medidas paralelas para reativar a economia de ambos os países, revelou aqui, em declarações à imprensa, o primeiro ministro alemão Helmut Schmidt, ao encerrar seu encontro com o presidente da França, Valéry Giscard d'Estaing.

Schmidt ressaltou que a Grã-Bretanha e a Itália — que não pertencem ao bloco monetário europeu de moedas harmonicamente flutuantes — precisam adotar uma "outra política". Tendo em conta o elevado índice inflacionário de ambos estes países, seus Governos, frisou, devem concentrar-se primeiramente em uma política antiinflacionária.

Do mesmo modo que Schmidt, o Presidente da França ressaltou a concordância de pontos-de-vista dos dois países a respeito do futuro econômico da Europa. Segundo fontes autorizadas, Giscard e Schmidt, em suas conversações em Bonn, deram importância primordial à continuação do diálogo sobre energia, petróleo e outras matérias-primas, assim como à política e desenvolvimento e às questões financeiras dela decorrentes.

As medidas de ordem financeira e econômica que serão aplicadas conjuntamente, na França e na Alemanha, conforme ficou resolvido entre o Presidente da França e o Premier da Alemanha Ocidental, foram antes submetidas à consideração dos demais membros do Mercado Comum Europeu.

PREÇOS DO PETRÓLEO

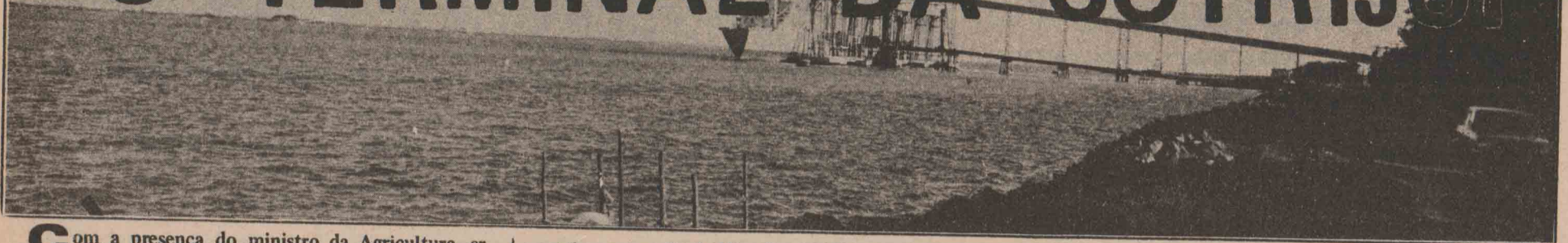
BONN — O vice-ministro das relações exteriores, Hans-Jurgen Wischenewsky, que acaba de retornar de uma viagem ao Brasil, declarou ao desembarcar em Bonn que "na impossibilidade de se restabelecer o antigo sistema de preços livres no mercado internacional do petróleo, a Alemanha tem esperanças de que na próxima etapa da Conferência Mundial de Energia, a se realizar até dezembro, resulte um mecanismo capaz de garantir as consultas aos países consumidores todas as vezes que a OPEP (Organização dos Países Produtores de Petróleo) alterar os preços ou as quantidades de petróleo a serem exploradas".

VENDA DE ARMAS

WASHINGTON — A venda de armas dos EUA ao exterior superou no último ano fiscal, o total recorde de nove bilhões de dólares, segundo informação recente do Pentágono.

O ano fiscal que terminou a 30 de junho, encerrou-se com um aumento de 831.550 milhões de dólares, com relação ao ano anterior.

OFICIALMENTE INAUGURADO O TERMINAL DA COTRIJUI



Com a presença do ministro da Agricultura, sr. Alysson Paulinelli; do governador do Estado, representado no ato pelo secretário da Agricultura, sr. Getúlio Marcantônio, diversos secretários de Estado, deputados federais e estaduais, prefeitos da região serrano-missioneira e centenas de convidados entre classes empresariais e setores do cooperativismo, foi inaugurado oficialmente a 22 de julho último, em Rio Grande, o Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto", que se localiza no futuro Distrito Industrial, Quarta Seção da Barra.

O programa das solenidades obedeceu o seguinte

roteiro: execução do Hino Nacional por uma banda marcial da Brigada Militar. Discurso do presidente da COTRIJUI, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva. Discurso do prefeito de Rio Grande, sr. Cid Scarone Vieira. Discurso do secretário da Agricultura, sr. Getúlio Marcantônio, que representava no ato o governo do Estado, sr. Sinval Guazzelli e discurso do ministro da Agricultura, eng. agr. Alysson Paulinelli. Falou também, para apresentar uma poesia em homenagem ao Terminal e à COTRIJUI, o sr. Francisco Fiorenzano, conhecido nas rodas gauchescas por Chico Gaudério, que declamou a poesia Afirmação,

de sua autoria. Em outro local desta reportagem estamos publicando, na íntegra, os discursos, pela ordem em que foram pronunciados, do presidente da COTRIJUI, do prefeito rio-grandino, do secretário Getúlio Marcantônio e do ministro Alysson Paulinelli.

A tônica desses discursos, por si só, são suficientes para demonstrar a importância da festa de inauguração da grande obra da COTRIJUI, que se ergue na boca do Atlântico Sul, em Rio Grande, na Quarta Seção da Barra.

OS AGRICULTORES DESCOBRIRAM A INVENCÍVEL FORÇA DA UNIÃO

Discurso do presidente Ruben Ilgenfritz da Silva:

Senhor ministro Alysson Paulinelli, senhor secretário da Agricultura, Getúlio Marcantônio, aqui representando o senhor governador Sinval Guazzelli; senhor secretário Cláudio Strassburger, da Indústria e Comércio; senhor prefeito de Rio Grande, Cid Scarone Vieira; prezados prefeitos municipais da região da COTRIJUI; senhores deputados, demais autoridades aqui presentes ou representadas.

Confesso que me é difícil, neste momento, sintetizar o que significa este ato. Estão aqui presentes representantes do Governo brasileiro; estão aqui presentes agricultores associados da nossa cooperativa, membros de seu conselho de administração, líderes sindicais e modestos trabalhadores da agricultura, participando de solenidade que tem em vista entregar ao Estado e ao País, uma obra que teve origem das mãos de trabalhadores agrícolas; de rudes homens do campo.

E quando dizemos que entregamos esta obra ao Rio Grande do Sul e ao Brasil, o fazemos com profunda convicção, pois realmente o que aqui está, dimensionado no concreto e no ferro, simboliza a síntese do esforço de simples homens do campo, de modestos agricultores, que vivendo longe do mar, distante do oceano, não temeram a majestuosidade da sua imensidão, quando se fez necessário aproximar-se dele para somar o progresso. Foi uma soma de esforços que teve o efeito de aproximar dos mercados de grande consumo do mundo, inclusive o Mercado Comum Europeu e os que se localizam na Ásia, através dos caminhos do mar, a produção agrícola do Rio Grande que se cria nos ásperos caminhos que marcam as regiões Missioneira, do Planalto Médio e do Vale do rio Uruguai.

É que esses agricultores, Senhor Ministro, sempre estiveram atentos à pesquisa e à busca de soluções para os problemas que lhes atingiram mais de perto. Constataram, em seguida, que unidos poderiam criar mais e desenvolver-se mutuamente. Transformaram os campos de barba-de-bode da região em lavouras que hoje são um exemplo à Nação, e produziram racionalmente. Com o aumento da produção, começaram a sentir que não bastava produzir bem se as condições para o escoamento dessa produção não se realizava a contento.

Podemos recordar então os idos de 1969, quando um grupo de 40 desses agricultores, que representaram na ocasião os quatro mil associados da COTRIJUI,

vieram a Rio Grande observar porque os vagões demoravam tanto para retornar a zona de produção? Por que os navios eram carregados tão vagarosamente e por que a zona portuária continuava apegada ao uso da sacaria — mais cara e mais trabalhosa — quando nós, agricultores, estávamos intensificando o uso do produto a granel? Lembramos então de Luiz Fogliatto, aquele companheiro, aquele amigo, que encontrou outros companheiros, outros amigos, que naquele momento responsáveis pela condução dos destinos de nosso Estado, entenderam as necessidades dos produtores. Lembramos um Henrique Anawatte, um Antonio Carlos Silveira Abbott, um Solon Gonçalves da Silva, mais um Nestor Jost, então na presidência do Banco do Brasil. Lembramos com admiração de nossos amigos do DEPREC, do DNPVN, da municipalidade de Rio Grande.

E hoje, aqui reunidos para a entrega oficial desta obra, desejamos também prestar uma homenagem de lembrança, de recordação, para gravar na história uma pessoa que sem dúvida nenhuma será colocada e preservada no painel da história do cooperativismo gaúcho e brasileiro. Essa pessoa, que infelizmente, e por consequência de seu elevado desempenho de liderança e realização, desapareceu prematuramente do nosso convívio, foi o saudoso Luiz Fogliatto.

Pioneiro de uma grande causa, ele plantou a idéia. Uma idéia que pareceu, a princípio, impossível de ser executada. Mas o aparentemente impossível foi tornado possível. Hoje, aqui estamos inaugurando uma obra que

é também marco da capacidade de nossos técnicos, pois não é encontrado neste Terminal, praticamente nada que seja estrangeiro. Não porque desprezassemos a técnica estrangeira, mas porque chegamos a conclusão que tínhamos técnicos — engenheiros, calculistas e projetistas capazes de aceitar o desafio. Aqui estão esses armazéns graneleiros construídos em concreto pré-fabricado, inéditos na ocasião, projetados e construídos por engenheiros brasileiros, por engenheiros gaúchos. Podemos assegurar hoje que a qualidade e capacidade desses graneleiros é igual às melhores do mundo e seu custo foi infinitamente menor do que os piores que viessem a ser importados.

Tudo isso naturalmente motivou-nos um orgulho especial. Orgulho de nossos técnicos, de nossos operários, os quais desejamos homenagear aqui nas pessoas dos engenheiros Fernando Craidy, Clóvis Silva, Victor Born, e Inês Dávila; projetistas e realizadores técnicos da obra que inauguramos hoje. Nossos agradecimentos a eles, a nossos operários, a nossos administradores, que sob o comando do dedicado Clóvis Farina, dedicam o melhor de seus esforços para o bom funcionamento deste Terminal, que sem favor nenhum iguala-se aos maiores e equipados do mundo, no gênero.

Para finalizar, convidamos o senhor ministro Alysson Paulinelli e a senhora Lais Fogliatto, para descerrarem duas placas, uma que grava o reconhecimento da cidade de Rio Grande; a outra, é o marco onde fica gravada a homenagem dos associados da COTRIJUI a seu inesquecível presidente. Muito obrigado.



HOMENAGEM AO COLONO QUE DESCEU A SERRA

Discurso do prefeito Cid Scarone Vieira:

Excelentíssimo senhor ministro da agricultura, Alysson Paulinelli; senhor secretário da Agricultura de nosso Estado, bacharel Getúlio Marcantônio; senhor secretário da Indústria e Comércio, economista Cláudio Strassburger. Demais autoridades civis, militares e educacionais; senhores prefeitos da região serrana, minhas senhoras, meus senhores; coestadaanos do alto da serra, senhor presidente da cooperativa, Ruben Ilgenfritz da Silva.

Nesta oportunidade e de forma sintética, Rio Grande quer também entoar sua voz. Testemunha esta comunidade a intrepidez, o arrojo, a coragem e o denodo daqueles que desceram a serra, e que vieram a esta restinga de Silva Paes, lá nos idos de 1969, ver alguma coisa como disse Rubens, para implantar algo diferente no Estado e na Pátria. Permitam os demais, que invoque uma testemunha presente a esta solenidade, que juntamente conosco viu muita coisa, muita coisa pensou, e que hoje vê em Rio Grande, este esforço cooperativo, rasgando as barreiras daquilo que Rio Grande queria, pulsionando Rio Grande de uma forma toda especial no cenário do nosso Estado e do Brasil. Refiro-me a pessoa de Henrique Anawate, secretário de dois Governos. Nos nossos encontros, nós apenas como assistente daquelas confabulações, e daquele 1969, quanto um trator da prefeitura derrubou a primeira árvore aqui. Presente também naquela oportunidade, esta figura inesquecível que já está gravada na história do Rio Grande do Sul, na terra de Silva Paes, Luiz Fogliatto. Lembro-me as madrugadas em que tomávamos café juntos no hotel Charrua, quando ele vinha para cá juntamente com Ruben. Mas Rio Grande quer dizer a esta geração jovem que nós vê e nós houve, que exatamente nesta demonstração de intrepidez, de coragem, de altivez e denodo, que o homem venceu o meio. Meio hostil, porém vencível, que Luiz Fogliatto estendeu a mão num encontro de gerações, dando um exemplo para esta juventude de que este Rio Grande do Sul, este Brasil, encontra convosco e tem aquela mensagem deste homem que naquela oportunidade era um enigma e que hoje faz parte da história mais sagrada de nossa terra de Rio Grande. Portanto, se Rio Grande recebe esta obra, reverencia de modo todo especial, dentro da mais sentida espiritualidade, a imagem daquele intrépido agricultor. Simples, singelo, porém denodado nas suas ações juntamente com seus companheiros de diretoria na oportunidade e a confiança de todos aqueles agricultores do norte do nosso Estado, para estabelecimento desta obra que é orgulho nacional. Muito obrigado a Luiz Fogliatto. Que Deus o tenha na eterna felicidade.



SECRETÁRIO DA AGRICULTURA: TRAGO O APLAUSO DO GOVERNO

Discurso do sr. Getúlio Marcantônio:

Eminente ministro da república, Alysson Paulinelli; ilustre secretário Cláudio Strassburger, da indústria e comércio, demais autoridades aqui presentes, senhores prefeitos do Rio Grande, representantes da região serrana e dirigentes da COTRIJUI. Deseja o Governo do Estado, neste instante solene, em que se abre para o futuro as portas deste terminal marítimo, deste terminal da Cotrijui, trazer a sua palavra de apoio e de aplauso a estes dinâmicos empreendedores da obra arrojada que agora o senhor Ministro da Agricultura inaugura. Receba, pois, engenheiro Ruben Ilgenfritz da Silva, a solidariedade e o aplauso do Governo do Estado; ao presidente, aos diretores, e aos sojicultores da região serrana, que chegaram a Rio Grande não como se zarpassem em anos passados de grandes mares, mas chegaram. Vieram lá da serra, descendo em caminhões, em trens, trazendo atrás, de si o produto agrícola arrancado do solo com o calo de suas mãos, para vir aportar como bem frisou Ruben Ilgenfritz, há pouco, neste microfone. É a produção serrana que aporta a Rio Grande, e que aporta com coragem, com arrojo, para erigir acima das areias movediças um monumento extraordinário que todos nós agora podemos contemplar. E aquele mesmo agricultor que fez esta oleaginosa extraordinária, esta ponte permanente de proteína para o Brasil e para o mundo, esta oleaginosa extraordinária que além de nos dar a riqueza que sobe para os lares nos dá fertilidade no próprio solo, pois é o sojicultor da serra que aqui vem dentro do espírito cooperativista dentro da união que os une, que



os congrega, pois se não fosse isso, jamais poderiam alcançar o porto de Rio Grande. É o cooperativismo dos agricultores que aqui está. E a eles, a palavra de apoio e aplauso do eminente governador do Estado, que por razões maiores aqui não pôde estar, mas pediu que dois de seus secretários de Estado aqui estivessem para prestigiar este ato forte, pujante, da agricultura rio-grandense. Por isso, o apoio e a

solidariedade do Governo do Estado aos dirigentes da Cotrijui, e aos seus associados que levantam para o futuro o concreto que aqui está acenando para que o Rio Grande caminhe seguro e firme no cultivo de sua terra, para cada vez mais trazer divisas para o nosso País. Deixamos, pois, aqui, a palavra do Governo do Estado aos homens que produzem em favor de nosso Estado e da nossa Pátria.

LUIZ FOGLIATTO GRAVADO NO BRONZE EM R. GRANDE

Em monumento-mural erguido à entrada do Terminal, duas gravações em bronze homenageiam a Luiz Fogliatto. Na solenidade de inauguração, as placas foram descerradas pelo ministro da Agricultura, eng. agr. Alysson Paulinelli e a sra. Lais Fogliatto, viúva do homenageado (foto). Eis seus textos: "Nas alvas areias da Barra de Rio Grande, Sil-

va Paes lançou o 1º marco. Luiz Fogliatto, 233 anos após, desceu o planalto e nesta promissora e acolhedora planície costeira, estabeleceu nova etapa para o nosso desenvolvimento. À visão, à coragem e ao patriotismo deste homem, o reconhecimento perene da comunidade rio-grandina. Rio Grande, 16 de Outubro, de 1972".

A outra placa: "Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto. Homenagem dos 11 mil associados da Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda., ao inesquecível presidente e idealizador. COTRIJUI. Rio Grande, 22 de julho de 1975".



MINISTRO PAULINELLI: TERMINAL É SÍMBOLO DO PRÓPRIO AGRICULTOR

Excelentíssimo senhor Secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, aqui representando o governador do Estado; senhor Secretário da Indústria e do Comércio, senhor prefeito municipal de Rio Grande; senhores prefeitos municipais aqui presentes, digníssima esposa viúva de Luiz Fogliatto e sua família, autoridades civis

e militares. Meus caros diretores e associados da COTRIJUI, meus senhores e minhas senhoras.

A grande meta estabelecida para a agropecuária brasileira não pode se cingir exclusivamente ao ato de plantar e colher. O binômio produzir e comercializar bem nossos produtos, vê nesta obra a conclu-

são de uma de suas mais importantes etapas e vê especialmente na feliz oportunidade de sentirmos em cada canto, em cada tijolo, em cada peça de concreto aqui erigida, a presença do produtor brasileiro. Sonho que para se tornar realidade dependeu da fé e da coragem de seus líderes e da união dos produtores do Rio Grande.

E é isto que queremos homenagear: a visão profética de um líder que não se apaga, que cresce à medida que seus liderados, cumprindo a sua visão profética, dá a este País a grande oportunidade de realizar o seu destino e transformar-se na grande Nação produtora, líder de uma nova humanidade que queremos com estes mesmos ideais.

Se Luiz Fogliatto teve a grande visão, teve também um discernimento para escolher os seus companheiros que souberam aprender dele a lição e cumpri-la, transformando em realidade o seu e nosso sonho. É por isto que contemplamos mais de uma hora cívica de proporções gigantescas, em perfeita consonância com o Brasil de hoje. Mas a contemplamos dentro da visão que ela sintetiza: a fé e o ideal de um homem e de seus seguidores. E é por isto que nos confortamos a admirar uma obra dessa natureza e nos sentimos ainda mais encorajados para vencer as vicissitudes que muitas vezes se antepõem aos nossos caminhos. Como agora estamos penalizados e sentindo os efeitos, as adversidades nas dificuldades. Mas a agropecuária é capaz de reagir e buscar com suas próprias mãos as soluções mais adequadas ao processo de desenvolvimento, onde se planta, se colhe e se constrói. Neste Brasil não

se vê motivos para pessimismo e sim motivo maior para repetirmos atos como este, porque tenho certeza que foram as dificuldades de infra-estrutura de transporte, dificuldades portuárias que tanto prejudicavam e afogavam a produção rio-grandense, que surgiu esta obra que hoje inauguramos. E surgiu mais do que uma obra física, repito, surgiu o sonho de um ideal e um exemplo ao Brasil grande, livre e próspero de hoje.

Agradecemos aqui a Luiz Fogliatto por ter pensado de maneira grande num País gigante, e por ter conseguido somar aqueles que unidos ainda sabem, talvez, a força que detem e esta forma bem dirigida para a construção de uma obra que é sua, que é nossa, que nos honra, nos anima e que obriga sobretudo a manter a posição de um País gigante, que jamais se conforma em ser dirigido mas em dirigir sim, o seu próprio destino.

Parabéns aos dirigentes da COTRIJUI; parabéns aos produtores que possibilitaram, pela sua união, pela sua verdadeira participação, não só a construção dessa obra, mas muito mais do que isso, através dela, a manutenção do índice de desenvolvimento que precisamos para o Brasil de hoje.

Acreditamos na agropecuária. Demos a ela não só a prioridade que ela necessitava, porém mais do que isso, lançamos novas bases de uma política de incentivo, de garantia de crédito, de tecnologia, de comercialização em todos os sentidos. E ela responde a curto prazo.

Estamos vivendo num momento de crise internacional. E se este País e este Estado, tendo a aventura de poder lançar e descobrir as potencia-

lidades que detém, mas que caminha celeremente para transformá-las em riqueza. Precisamos de recursos para definir o "know how" e a tecnologia de que somos dependentes, para comprar fatores de produção dos quais ainda dependemos. Em 1974, no auge de uma crise que gerou à agropecuária brasileira recursos na nossa balança de exportação na ordem de 4,8 bilhões de dólares, acionado como foi num clima de confiança, de fé e otimismo. Ela nos vem responder de maneira surpreendente, possibilitando a este país em desenvolvimento, que contasse em 1975 — ano chamado ápice de uma crise internacional econômica — e que nos vai liberar do produto in natura ou do processamento de origem agrícola, a fabulosa soma de 7 bilhões que nos possibilitaram comprar as hidroelétricas para gerar a energia a custo mais baixo e competitivamente mais vantajoso em relação à gerada em países industrializados e chamados desenvolvidos. A comprar o "know how" para exploração de nosso fabuloso recurso radioativo, a comprar os fatores e os bens de produção para construir aqui a infra-estrutura necessária para a utilização de todos os nossos recursos minerais. Esta é a resposta, mais uma vez, da agropecuária brasileira; e é por isso que continuaremos a ampará-la, quer seja em momento de vitória como esse, ou em momentos de crise como aquele em que vivemos os nossos companheiros agricultores de outros Estados. Mas sempre confiantes de que temos um destino e um caminho a percorrer, inarredável, dentro da grandiosidade da Pátria e da terra em que vivemos.



A TRADIÇÃO GAUCHESCA HOMENAGEIA A COTRIJUI

Admirador da COTRIJUI, da sua evolução empresarial e pela sua pregação cooperativa, hoje em nível nacional, Francisco Fiorenzano, conhecido nas rodas tradicionalistas por Chico Gaudério, dedicou à cooperativa, quando da passagem de seus 18 anos de existência, a poesia que transcreeve ao lado, intitulada "Afirmação".
Declamada pelo autor através

das rádios Progresso de Ijuí, e Municipal de Tenente Portela, em cadeia radiofônica formada a 20 de julho, pela passagem de mais um aniversário da cooperativa, voltou a ser declamada por Chico Gaudério em Rio Grande, no recinto do Terminal "Luiz Fogliatto", no dia de sua inauguração.



AFIRMAÇÃO

São dezoito anos que falam
De glórias e lutas mil,
Promovendo no Brasil
Reformas e Produção.
De enxada e lança na mão,
Nas barrancas do Ijuí
Nasceu a Cotrijui,
Serrana, chamada então.

Quebrando velhos tabús
Quer no trigo, quer na soja,
Temperou na própria forja
O ferro de seu ideal.
E Luiz Fogliatto, imortal,
Com amor e muita garra,
Na quarta seção da barra
Construiu um terminal.

Canta a garganta do pampa
No Terminal-Graneleiro,
Descarregando o Celeiro
Nos grandes barcos do oceano!
E vai o fruto pampeano
Pelos caminhos dos mares
Prá confortar outros lares
Num bafejo de minuano.

Na conquista da Amazônia,
Em termos de brasileiro,
Faz um projeto pioneiro
A guapa Cotrijui.
Fazem coro aqui e aí,
Que das plagas farroupilhas
Sairão duas mil famílias
Para as margens do Irirí.

É a velha estirpe farrapa,
Que aceitando o desafio,
No agreste espaço vazio
Acende mais um fogão,
E aquecendo o rude chão
Desta Amazônia lendária,
Comanda a reforma agrária
Nas hostes de integração.

Lança e pala já marcaram
Na Amazônia heróico rastro,
Quando Plácido de Castro
Deu o Acre prá Nação.
E hoje de enxada à mão
Em fraterna e humana guerra
Associamos Pátria e Terra
Num tento de afirmação.

UMA NECESSIDADE O FORTALECIMENTO DO COMÉRCIO COOPERATIVISTA



Ana Amélia de Lemos

Redatora de economia há cinco anos, Ana Amélia de Lemos goza de merecido conceito entre as autoridades setoriais fazendárias e de economia, bem como junto aos setores empresariais do Estado. Com viagens à Europa, inclusive para observação na área do Mercado Comum Europeu, é editora de Mercado de Capitais do JORNAL DO COMÉRCIO de Porto Alegre, correspondente da revista VISÃO no Rio Grande do Sul e repórter-apresentadora de economia na TV-DIFUSORA, Canal 10.

O artigo a seguir, foi escrito especialmente para o COTRIJORNAL.

Até que ponto será vantajoso para o Brasil formar com seu principal concorrente na produção e comercialização da soja,

um "pool" com o objetivo de forçar preços aos importadores do Mercado Comum Europeu? É possível que a maioria das res-

postas seja negativa. O mercado europeu continua sendo o maior comprador de proteínas vegetais no mundo porque sua produção atende apenas a 4 por cento das necessidades internas. Mesmo com as pesadas barreiras criadas nesse mercado, depois da crise do petróleo com objetivo de proteger seu produtor primário, o MCE continuará detendo um enorme volume de importações do Brasil. E ao que consta, o Governo Brasileiro dificilmente aceitará alguma proposta no sentido de pressionar os importadores europeus. Essa tática, aliás, nunca foi usada pelos exportadores brasileiros.

Embora possa ser lisonjeira para o Brasil a grande preocupação dos Estados Unidos com o crescente avanço da lavoura da soja (hoje já ocupamos o segundo lugar, 9 milhões de toneladas na produção mundial, seguidos pela China) é preciso ter muito cuidado para que o ritmo de expansão alcançado até aqui, continue. Para que isso ocorra, não bastam apenas os estímulos oficiais (preços mínimos justos, subsídios para insumos, compra de excedentes etc.) mas sobretudo uma conscientização dos produtores em relação a necessidade de fortalecer o sistema de comércio cooperativado, até agora eficiente. É preciso, sobretudo, que os índices de produtividade aumentem.

NOVA ESTRATÉGIA

Os especialistas no setor de matérias-primas agrícolas têm afirmado que o mercado para a soja, assim como para o milho, tem boas perspectivas. Mas "seja qual for a evolução dos preços no mercado exterior", o Governo deverá manter a sua política de incentivo ao plantio da soja.

Numa pesquisa feita pela Comissão de Financiamento da Produção, foi constatado que os europeus consideram o Brasil como a segunda alternativa para o suprimento de proteínas vegetais.

Além disso, enquanto os Estados Unidos praticamente já esgotaram as possibilidades de ampliação da área plantada com soja, o Brasil está ainda longe de chegar até lá. Nesse argumento talvez resida a maior resistência à formação de um "pool" com os Estados Unidos, para pressionar os importadores europeus, na questão de preço. Agora, com a demonstração concreta dos franceses em desejar associação com os produtores e exportadores brasileiros, talvez seja o caso de capitalizar ainda mais esse poderoso mercado.

O negócio com os franceses, iniciado inteligentemente pelo embaixador do Brasil na França, o ex-ministro Antônio Delfim Neto, está em vias de acerto final. Em princípio será uma associação entre franceses e brasileiros (gaúchos) na instalação de uma unidade beneficiadora de soja na região de Bordéus, o que demandaria uma remessa anual entre 300 a 500 mil toneladas de soja para a França. Esse tipo de operação, em que participam não apenas a multinacional Dreifus, mas também os produtores franceses e brasileiros, parece adequar-se melhor às necessidades atuais de nosso mercado.

REFORÇO INTERNO

Enquanto se entabulam negociações a nível oficial e internacional em relação ao comércio de soja, deve-se enfatizar a necessidade do fortalecimento do mercado interno, a nível de produtor. Quando ocorreu a excessiva valo-

rização da soja no mercado internacional (safra 72/73 a cotação superou os 500 dólares a tonelada) muitos produtores aqui no Rio Grande do Sul deixaram de entregar a soja à sua cooperativa para entregar aos "atravassadores" que apanhavam o produto na lavoura. Essa situação criou alguns impasses às cooperativas que algumas vezes se viram com dificuldades de atender a contratos fechados, esperando contar com o produto do seu associado.

Agora no Paraná, o problema foi levantado através de uma pesquisa que mostrou "que somente 50,3 por cento dos agricultores cooperativados daquele Estado entregam entre 80 a 100 por cento de suas colheitas para as cooperativas comercializarem. "Por isso já foi desfechada uma campanha para que, pelo menos 70 por cento dos agricultores entreguem a sua produção à cooperativa.

Essa conscientização por parte do produtor, bem como campanhas das próprias cooperativas no sentido de ampliar o seu quadro de associados, parecem grandes receitas para fazer com que as cooperativas reforcem sua participação na comercialização das safras. Muitos avanços já foram conquistados pelas cooperativas agrícolas gaúchas. Atualmente, não se pode querer que tenham feito mais do que já conseguiram. Basta ver os exemplos que estão por aí, onde cooperativas do interior se tornam poderosas armas de defesa do interesse do produtor, independente do seu tamanho. A questão agora é colocada para que o sistema cooperativado fortaleça todo o mercado interno e seja capaz de competir, a nível de força e prestígio, com os maiores interessados no comércio de produtos agrícolas.

LARANJAS METÁLICAS, MAÇÃS DE MERCÚRIO

Terra misturada com excrementos de vaca grávida, urina humana dosada com água da chuva e uma boa quantidade de nata de leite de vaca podem influir no resultado das colheitas? Os agricultores franceses afirmam que sim.

Eles são os agrobiologistas, espécie de alquimistas do século XX, que cada vez em maior número estão rejeitando a tecnologia industrial dos produtos químicos para voltar à agricultura dos tempos antigos. Ou seja, trabalhar a terra pelos meios naturais, com preparados feitos à base de vegetais e orgânicos em geral, principalmente fezes e

resíduos animais, como nos velhos tempos.

Na Europa e nos Estados Unidos os agrobiólogos são olhados com desprezo por uma tecnologia que já conseguiu fazer as plantas crescerem mais rápido, resistindo melhor o frio, a seca e as pragas. Mas que também conseguiu poluir a terra e os rios, envenenando-os em bases praticamente letais, para o próprio ser humano.

A agrobiologia surgiu na década dos anos 60. Ela representa, segundo seus adeptos, que hoje se espalham por grande parte da Europa e América do Norte, a vontade de praticar a agri-

cultura preservadora dos elementos naturais, principalmente a fauna, que marcha para a extinção total pela ação dos elementos químicos usados na agricultura tecnificada de hoje.

Na França, os agrobiólogos já tem a sua associação. É a "Nature et Progrés". A associação tem por objetivo devolver a terra sua vitalidade natural. Os agrobiólogos afirmam que se continuarem os efeitos dos fertilizantes no solo e os fungicidas e herbicidas agirem sobre a terra, em breve nada teremos além de uma agricultura mecânica, onde "vamos colher laranjas metálicas e maçãs de mercúrio.

A agrobiologia, apesar de nova, já possui uma vasta literatura técnica e histórica. Para os que desejarem se iniciar, que necessariamente terão que dominar o francês ou o inglês, aconselhamos os seguintes títulos: Enciclopédia Permanente de Agricultura Biológica, editada na França, pela Debard. Essa obra é considerada a bíblia dos agrobiólogos. Outras obras importantes são. Cuidamos da Terra para Curar os Homens, do eng. agr. Claude Aubert, também francês e a Agricultura Biológica e o Guia Prático do Método Biodinâmico na Agricultura, de H. Kabisch, inglês.

FECOTRIGO LANÇOU "TRIGO E SOJA"

A FECOTRIGO está editando, através da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, uma excelente revista técnica de agricultura, versando assuntos de grande atualidade e de pesquisa no setor. Trata-se do boletim "Trigo e Soja", de circulação mensal, cuja edição de nº 2 correspondente a julho, está em nossas mãos.

Dentre os assuntos focalizados nessa edição de "Trigo e Soja", destacamos: Cooperativismo — representatividade política, social e econômica e morfologia, nutrição e manejo da cultura do trigo, exaustivo trabalho de pesquisa que trás a assinatura de cinco engenheiros-agrônomo.

O ENCONTRO

Luis Fernando Verissimo

Os vôos espaciais não mexeram tanto assim com a imaginação do Homem. O que é incompreensível. Afinal, a imagem de um bipede terrestre pisando na Lua deveria ter significado algo mais para nós do que o simples espanto com a tecnologia do feito. O que estava acontecendo era uma mudança radical da perspectiva humana. Pela primeira vez desde que descobriu que não era o Universo que girava em torno da Terra, como pensava a sua vã e egocêntrica filosofia, o homem tinha uma visão diferente desta insignificante bola que chamamos de lar. A Terra nascendo no horizonte da Lua! Que coisa mais, mais... Você tentou inutilmente organizar um pensamento, um sentimento que fosse, diante da imagem na TV ou da fotografia na revista, e não conseguiu. A descida na Lua, culminando todos os outros feitos do Homem no espaço, nunca passou de apenas mais uma conquista da técnica. Admirável mas, para todos os efeitos humanos, inconsequente. Os vôos espaciais não nos dizem nada.

O recente encontro no espaço da Soyuz e da Apollo talvez explique essa nossa relativa indiferença com as peripécias no espaço. O encontro festivo de russos e americanos no ar se deu muito mais fora da realidade do que fora da atmosfera. Aqui em baixo os sistemas que as duas tripulações representavam no espaço estão, cada vez mais, numa rota de colisões. Lá em cima os dois se acoplam com ternura, trocam apertos de mão, piadas e brindes com champanhe. Muito mais do que o histórico começo de um período de cooperação e compreensão, o encontro Soyuz-Apollo foi um monumento à hipocrisia. Os dois sistemas econômicos, políticos e sociais que conseguiriam libertar o homem da força da gravidade — cada um com seus próprios cientistas alemães, é verdade — poucos fazem, em contraste, para libertar o homem do medo, da fome e da opressão. A nossa indiferença é justa.

Claro que este tipo de contabilidade apressada — os milhões gastos com um foguete dariam para alimentar tantos milhares de crianças famintas, etc — é falso e ingênuo. O mundo é assim, duro e contraditório, desde que é mundo, ou pelo menos desde que é habitado, e não vai mudar tão cedo. O que é preciso combater é a tendência de ver as conquistas espaciais de russos e americanos como provas da superioridade deste ou daquele sistema. A verdade é que o desenvolvimento tecnológico que colocou a Soyuz e a Apollo em órbita foi feito às custas de privações e injustiças de um lado e de outro. A real e elogiável conquista da civilização americana é o liberalismo político e o respeito as liberdades individuais de expressão e de iniciativa. A inegável conquista da experiência soviética é a de hoje oferecer um modelo razoavelmente bem sucedido do que pode ser uma sociedade egalitária. Mas a Apollo e a Soyuz não representam o melhor dos sistemas. Representam, de um lado, o capitalismo predatório e as suas ideias do progresso pelo progresso, da técnica sem consciência, e do outro o totalitarismo mais preocupado em vender a sua própria imagem de potência do que uma alternativa racional para o outro sistema. Russos e americanos tinham toda a razão para se brindarem no espaço. Só que nós é que pagamos o champanhe.

LIVROS

HIPÓLITO DA COSTA E O UNIVERSO DA LIBERDADE



“Na cabeça de cada um existe um mundo. Na de um estudioso há constelações. Há de Hipólito foi uma via lactea”.

Com essa introdução, Francisco Riopardense de Macedo justificou o tema Hipólito da Costa e o universo da liberdade, com que discorreu na obra premiada do Concurso Nacional de Monografia sobre o patrono da Imprensa Brasileira, lançado pela Comissão Hipólito da Costa, Associação Rio-

grandense de Imprensa e Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.

A monografia de Riopardense de Macedo obteve o primeiro lugar no concurso. Conforme o preceituado no regulamento, hoje é livro. É uma edição da A.R.I. em convênio com a Livraria Sulina Editora. Foi lançado oficialmente em Pelotas, no dia 3 de julho, como parte das comemorações da V Semana de Pelotas, com seção

de autógrafos tendo por local o salão nobre da Prefeitura.

Na foto, Riopardense de Macedo autografa o Universo da Liberdade, aparecendo ao seu redor o prefeito pelotense, Ary Alcântara, seu chefe de gabinete, bacharel Affonso Dentice da Silva e o ministro Poty Medeiros. Em nossa próxima edição, analisaremos com maiores detalhes essa obra biográfica, que focaliza o patrono da imprensa Brasileira.

SEGURO ACIDENTÁRIO AO TRABALHADOR RURAL

A Livraria Editora Porto Alegre acaba de lançar obra de interesse para o trabalhador rural em geral. Trata-se de Seguro Acidentário ao Trabalha-

dor Rural, de autoria do advogado e promotor de justiça Tupinambá Miguel Castro do Nascimento, professor da Faculdade Porto Alegrense de Ciên-

cias Contábeis e Administrativas.

O livro do professor Tupinambá Nascimento é um comentário abalizado da Lei nº 6195, de 19 de dezembro de 1974. É, portanto, o que há de mais atualizado na jurisprudência do setor de acidentes do trabalho no meio rural brasileiro.

FILATELIA

UNIVERSALIDADE DO SELO

A propósito da efeméride do primeiro selo postal das Américas e um dos primeiros do mundo — o célebre “Olho de Boi” —, convém fazer justiça e lembrar, neste momento, o seu maior apreciador — o filatelista anônimo.

O filatelista é um ente universal. Tanto pode ser uma criança como um adulto; às vezes, é um operário, outras, um estudante, um milionário ou um rei. Registre-se, aliás, que o refrão — A filatelia, “hobby dos reis e o rei dos “hobbies” — está superado pela realidade presente.

Sua universalidade lhe permite amar todas as bandeiras de todos os países. Seu mundo não tem limitações. Vive e habita em todas as regiões do globo. Sua imaginação é transcendental. Traz dentro de si o amor à Humanidade, pois adora o que é belo dentro ou fora da natureza hu-

mana. Empolga-se, facilmente, por um número, um picote, uma imagem, uma flor, um inseto, um país, um continente, uma cor, uma raça.

É o arauto anônimo da paz universal pela sua comunicabilidade. Sua paixão pela tarja postal transforma-se num missionário da harmonia entre os povos da terra, querendo viver num mundo sem fronteiras, sem lutas, sem ódio, apenas adorando o que é belo e sábio, configurando num papelzinho inocente que se chama selo, “timbre”, “francobollo”, “stamp”, “briefmark”.

Seu zelo pela sua conservação chega ao exagero. É seu filho, seu amor predileto.

Já se disse que o mundo será mais feliz quando todos os habitantes da Terra forem colecionadores de selos.



Salve, pois, o filatelista anônimo do mundo, no dia de hoje.

HEITOR FENÍCIO
Presidente da Associação Brasileira de Filatelia Temática.
(Transcrito do Edital de emissão: Dia do Selo nº 005029).

CARTAS

Recebemos da Associação Beneficente dos Servidores do DNOS 15º Distrito, rua Washington Luiz, 815, Porto Alegre, assinada pelos seus diretores, a seguinte correspondência:

"Apague seu televisor e abra um livro — eis a frase-conselho que está na fachada de uma livraria de Belo Horizonte. A surpresa do conselho insólito acrescenta-se uma apreensão, pois o fato revela o decréscimo assustador do interesse pela leitura que é sem dúvida o exercício básico para a formação de um povo.

Houve em 1972 um homem — o escritor mineiro Jorge Azevedo — que por sentir a necessidade de lembrar a todo o Brasil a finalidade de um bom livro para tornar a mocidade apta e capaz, idealizou as Festas Estaduais do Livro. Aqui em Porto Alegre, somos testemunhas do sucesso da Festa Gaúcha do Livro, organi-

zada pelo poeta Nelson da Lenita Fachinelli. Quanto às demais festas, tivemos conhecimento do êxito obtido nos estados do Paraná, Pará, Ceará e Mato Grosso.

Creemos que o eminente ministro Ney Braga, da Educação, poderia encetar uma campanha nacional para maior divulgação do livro e, conseqüentemente, estimular a leitura por parte da população brasileira. Por que não oficializar, portanto, tais festas, num acontecimento bienal de repercussão nacional? Eis o apelo que fazemos ao ilustre Ministro, auscultando a opinião dos brasileiros cultos que lêem o COTRIJORNAL e serão capazes de reforçá-lo a fim de que se torne realidade o sonho cultural de Jorge Azevedo, um jornalista brasileiro cujo entusiasmo cívico todos nos sentimos durante o Ano Internacional do Livro, ocorrido em 1972, Cordialmente — Ivo Chaves Silveira, presidente; Rui Comunal Gonçalves, secretário; João Carlos Marques da Fontoura, tesoureiro; Sara Corrogosky, diretora cultural.

de 5 a 20 de outubro do corrente ano, a 1ª Festa Nacional do Trigo, em paralelo com a Feira Pastoral e Salão de Máquinas Agrícolas e Rodoviárias.

A promoção de âmbito nacional tem por objetivo prestar uma homenagem aos triticultores de todo o País.

Outrossim, para que possamos atingir o sucesso desejado, tomamos a liberdade de solicitar a divulgação desse evento através desse importante órgão de comunicação social.

Sendo o que tínhamos para o momento subscrevemo-nos atenciosamente. J. Vasconcelos, coordenador geral.

COLÉGIO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS

Prezados Senhores: Considerando que o técnico agrícola tem um grande papel a desempenhar em favor do melhoramento das condições gerais de vida: alimentação, saúde e progresso e do meio rural; levando em conta também que para desempenhar bem o papel de técnico, precisa estar a par das inovações surgidas em todos os setores que lhe digam respeito, peço que incluam meu nome na lista dos que recebem o COTRIJORNAL, pelo que ficarei muito agradecido. Atenciosamente — Arnildo Gerto Schonardie - Colégio Agrícola Pres. Getúlio Vargas Caixa Postal, 153 - 98.910 - Três de Maio - RS.

BANCIÁRIOS DE PELOTAS

O Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Pelotas, comunicando o novo endereço, à rua Lobo da Costa, 1361, permanecendo a mesma caixa postal, de nº 294. Preside os bancários pelotenses o sr. José Leonardo Vianna, tendo como secretário Dirnei Pereira.

OCEPAR EM NOVO ENDEREÇO

A Organização das Cooperativas do Estado do Paraná — OCEPAR, comunicando seu novo endereço, à av. Cândido de Abreu, 501, caixa postal, 7043 - 80.000, Curitiba, Paraná.

TRABALHO DA FEPLAM

Recebemos da FEPLAM: "Quarenta e dois municípios gaúchos e mais 5 mil agricultores foram beneficiados de forma direta com a primeira etapa do curso sobre Capacitação Rural, realizado pela FEPLAM em convênio com o Ministério do Trabalho, através de sua Secretaria de Mão-de-Obra, e que agora foi concluída. A finalidade desse curso é propiciar especialização de mão-de-obra no setor agropecuário.

OS CURSOS

Os cursos que agora terminaram são: Trigo, Milho, Soja, em 15 localidades; Conservação do Solo, em 25; Suinocultura, em 13, bovinocultura, em 4; Fruticultura, Forrageiras e Orizicultura, em dois municípios cada um. Cursos de Oleicultura, Avicultura e Vitivinicultura foram realizados em uma localidade cada um.

O curso de maior aplicação foi o de Conservação do Solo, que se realizou em 27 dos 42 municípios atingidos, o que representa mais de 50 por cento do total da área abrangida desta primeira etapa.

O trabalho desenvolvido pela FEPLAM foi realizado através de seus 173 telepostos (núcleos), espalhados pelas 42 cidades que formam a área de atuação dessa série educacional profissionalizante. Atenciosamente, Sandra Libel Waldman - DDR/RP.

ESCOLA DE ÁREA DE IJUÍ

À Direção do COTRIJORNAL. A Escola de Área de Ijuí solicita através desta, exemplares do COTRIJORNAL, o qual virá enriquecer as fontes de informações e pesquisas da biblioteca escolar, que atende, além de sua clientela, a Unidade Integrada de Ensino. Certos de sua colaboração, subscrevemo-nos atenciosamente. Seno Aloysio Schneider, diretor; Salete Cleusa Bona, secretária.

FESTA NACIONAL DO TRIGO

Senhor diretor do COTRIJORNAL. Levamos ao conhecimento de V. S. que a Prefeitura Municipal de Cruz Alta e a Cooperativa Triticola de Produtores Cruzaltenses, promoverão

MINI-CAVALOS ARGENTINOS E AMERICANOS

Genética é a ciência que estuda a hereditariedade e a reprodução dos animais e das plantas. Naturalmente, tanto quanto outros ramos do conhecimento científico a genética tem evoluído muito, a ponto as vezes de causar espanto e admiração. E espanto e admiração é o que deve ocorrer ao leitor, ao observar as fotografias que ilustram este texto, onde aparecem minicavalos criados (ou não criados) na Argentina e nos Estados Unidos.

Esses pequenos cavalos — tão pequenos que pesam de 20 a 40 quilos — não são propriamente uma raça, pois embora tenham a aparência de pôneis, sua ascendência é de animais normais das diversas raças hípcas daqueles países.

Em duas fotos aparecem cavallinhos criados (reduzidos, seria o termo mais adequado) na Fazenda "El Peludo", na província de Buenos Aires. A fazenda é de propriedade da família Falabella, e há 40 anos, veterinários e geneticistas trabalham na tentativa de fazer o cavalo de bolso.

Os norte-americanos também possuem a sua raça "mini", como se pode ver numa das fotos. O cavalo americano de tamanho normal, parece adquirir proporções fantásticas perto dos pequeninos cavalos, que mais parecem cachorros. Pertence a Fazenda de Stephen Caldes, em Davie, no estado da Flórida. As fotos provam o que se pode fazer no setor da genética.



Cultura da SOJA

BOLETIM TÉCNICO - DF - Nº 5

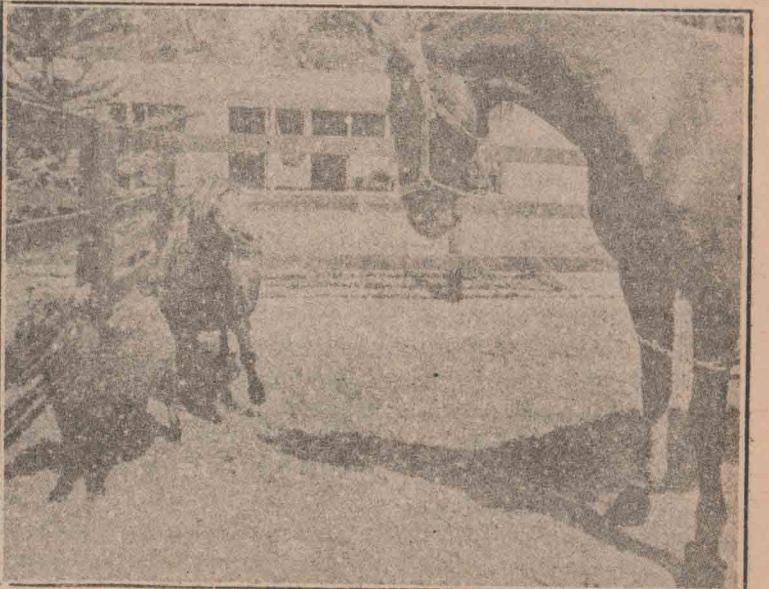
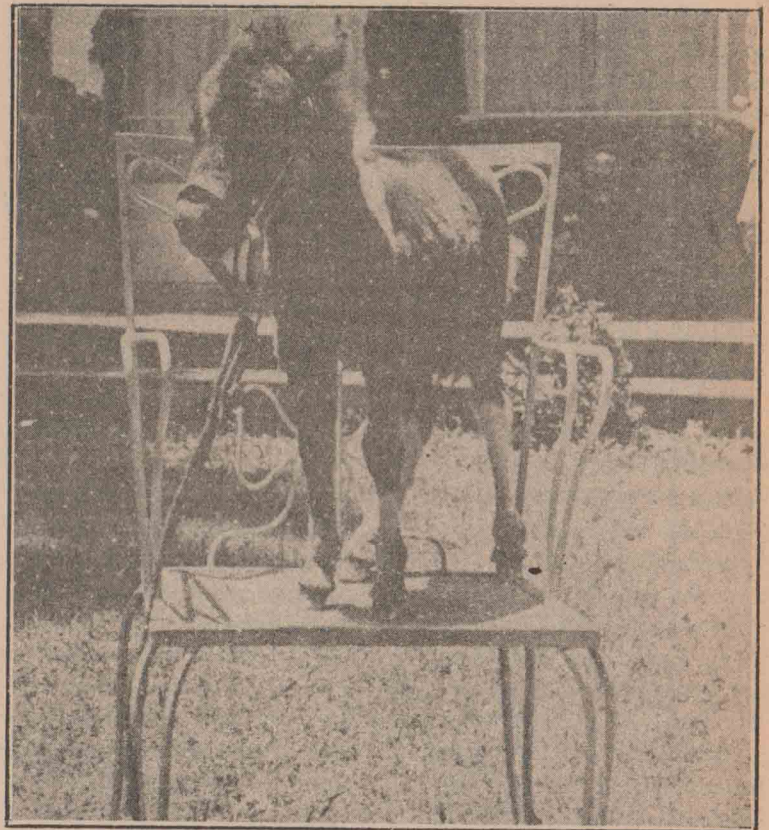
FOMENTO À SOJA

Prezado Redator: Inicialmente, queremos cumprimentá-lo pelo excelente nível jornalístico que o COTRIJORNAL vem conseguindo manter.

Estamos anexando um exemplar do Boletim Técnico "Cultura da Soja", organizado pelo Departamento de Fitotecnia do Centro de Ciências Rurais da Universidade de Santa Maria, cuja impressão foi patrocinada por este Instituto. Anexamos também um folheto com receitas de soja, organizado pela nutricionista Lygia Pereira, da Coordenação da Assistência Técnica Integral da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Outro assunto refere-se a contato mantido com o professor Tasso Saldanha, pesquisador da área do IPAGRO. Este professor está desenvolvendo um trabalho sobre a fertilidade na cultura da mandioca, em alto nível. Se tiveres interesse em manter contato com o mesmo, é no IPAGRO, rua Gonçalves Dias, 570 Porto Alegre.

Aproveitamos também a oportunidade para solicitar a gentileza de incluir na relação de recebedores do COTRIJORNAL, o nome de um colega que atualmente exerce atividades



O JORNAL, A MEMÓRIA IMPRESSA DOS TEMPOS

O homem desperta, e em seguida às suas necessidades básicas de higiene e alimentação, busca informar-se do cotidiano de seu dia. O político, o industrial, o financista, o operário, o agricultor, todos têm a preocupação de saber os fatos que marcam seus dias; que identificam sua época.

E o elemento que torna possível o acesso permanente do homem à maravilha do conhecimento, a ponte do contato com o saber, é o jornal, a memória impressa do tempo.

Nos primeiros tempos do ser humano sobre a face da Terra, não havia mais do que a memória do homem que se perpetuava através das lendas como elemento de cultura. E as lendas se fizeram mitos e os mitos, religião; pois o homem desconhecia-se a si próprio e ignorava por completo a totalidade dos elementos que lhe cercavam.

As estórias passavam de boca em boca, transformando-se em lendas. Mas com o passar dos tempos, a curiosidade e o desejo de saber começou a exigir de nossos antepassados outros meios de reter os conhecimentos, de modo que, independente da memória, pudessem transmitir aos descendentes. Assim nasceu o desenho. Séculos após alguém descobriu a escrita silábica e outros séculos depois, os hieróglifos.

Mas o grande progresso alcançado pelo homem na sua marcha pela busca da comunicação, aconteceu no ano 2.000 antes de Cristo, quando os egípcios empregaram o papiro em vez do tijolo, como elemento de escrita. Mas ou menos 200 anos antes de Cristo, nova e sensacional descoberta do homem em prol das comunicações: os chineses descobrem o papel, tal qual ele é usado nos nossos dias.

O papel foi introduzido na Europa através da Grécia. A Itália parece ter sido o primeiro país do Ocidente a produzir um papel de boa qualidade. A partir do século XIV, o papel começou a popularizar-se por todo o velho continente, de onde atravessaria o Atlântico em direção à América, com os primeiros navegadores.

UM SENHOR CHAMADO JOHANN GUTTENBERG

A descoberta do papel foi um grande passo, um passo até mesmo gigantesco para a comunicação do homem, mas não foi tudo. O papel era um

elemento passivo, que recebia os caracteres de escribas lentos e cansados. Mesmo após se ter descoberto a forma das matrizes em madeira talhada, esta era repetida a cada nova página, tornando a confecção de livros demorada e dispendiosa.

Para baratear a produção era preciso que se criassem tipos móveis, ao invés de página esculpida, que ficava inútil após a impressão da obra. E os tipos móveis foram descobertos.

Segundo a quase unanimidade dos historiadores, coube essa glória a um tipógrafo de Mogúncia, chamado João Guttenberg. A Guttenberg é atribuída também a glória de haver impresso o primeiro livro do mundo pelo novo sistema: uma bíblia em dois volumes encadernados e redigidos em latim.

A partir daí, primeiro os livros e depois, a imprensa, através dos jornais, passaram, em conjunto, a vulgarizar o mundo do homem e a sua cultura. Foi a imprensa, como um foco de luz, que dissipou as trevas que ocultavam o saber. Os livros se multiplicaram aos milhares, a cultura desenvolveu-se vertiginosamente. A curiosidade de ler, de saber, de cultivar a ciência, e as artes, preparou os caminhos que redundariam no período chamado Idade Média, precursor das grandes reformas no seio da humanidade, até os Enciclopedistas.

O PRIMEIRO JORNAL

O primeiro jornal que a história registra, antepassado formal dos modernos jornais conforme os conhecemos hoje, foi editado em Roma, no ano 691 a.C. Chamava-se "Acta Diurna". Era um boletim de notícias diárias, conforme o nome indicava. Seu principal noticiário, bem ao gosto épico daquele período de barbarismo, ressaltava as campanhas bélicas de Roma e seu Exército invicto.

A "Acta" era afixada nas praças e prédios públicos e distribuída aos assinantes, inclusive nos diversos países sob domínio, o que a caracterizou como um jornal com circulação internacional. No entanto, sabe-se que a origem da imprensa e do jornalismo ocorreu na China, o berço da inteligência e da filosofia. Bem antes da "Acta Diurna" dos romanos, os chineses manuseavam seus jornais impressos em papel também inventado por

eles. Infelizmente, dado o afastamento e mistério que sempre cercou a raça amarela, que se manteve em segredo até a viagem de Marco Polo, os títulos desses jornais não chegaram ao conhecimento do Ocidente.

Os gregos tiveram como antecedentes do jornal, as famosas "Efemérides". Nestas, eram noticiados os fatos do dia.

EVOLUÇÃO DA IMPRENSA

Andou lento o progresso tipográfico, após a invenção dos tipos de Guttemberg. Somente 10 anos após a impressão da bíblia do citado tipógrafo-inventor (Bíblia de Mainz), começaram a surgir tipografias em Estrasburgo, Colônia, Roma, Florença, Nápoles, Milão, Holanda e outros países do velho continente.

Como se vê, a Itália despontou desde o princípio das prensas, como um reduto de grande evolução. Na República de Veneza, então o império comercial do mundo, foram dadas a lume as "fogli" ou "foglietti d'Avvisi", ou ainda "Notizie Scritte". Eram folhas no estilo dos jornais impressos hoje, que davam notícias trazidas pelos barcos que aportavam em Veneza.

Mas apesar da evolução jornalística ocorrida na Itália não esqueçamos que foi lá mesmo que os jornalistas receberam pela primeira vez, o estigma do obscurantismo e da intolerância. Foi o papa Gregório VIII, que num acesso de fúria lançou a excomunhão sobre todos os jornalistas, depois de ter lido um comentário desfavorável à sua pessoa.

Mas, excomungados, não houve diferença. Os jornalistas passaram a figurar na origem de todos os movimentos da Independência. Em toda a Itália dividida — na Roma dos papas como nas repúblicas e reinos — o jornalismo se expandiu como nos demais países europeus, ao fluxo dos movimentos de libertação, Mazzini, Cavour, Garibaldi ("condottieri"), os artífices da Independência italiana, foram jornalistas.

Nos demais países da Europa, a história da imprensa e dos jornais se desenvolveu simultaneamente, porém em menor expressão e destaque. Até mesmo a Inglaterra, que tanta vinculação teria no futuro com a imprensa brasileira, em face de lá ter vivido sob

proteção, o fundador do jornalismo brasileiro, conforme relatamos adiante, progrediu lentamente.

O primeiro jornal inglês a destacar-se parece ter sido o "Certain News of the Present Week", isso já em 1622. Hoje é a própria Inglaterra que nos dá o título mais respeitável e famoso de quantos circulam no mundo. O "Times", de Londres, que fundado em 1785, vai para 190 anos de circulação ininterrupta.

Na Alemanha, os "Zeitung", na França, os "Gazette" ou "Lecture", na Inglaterra os "Dailies" ou "News", na Rússia os "Pravda" ou "Izvestias", todos eles, desde suas origens até nossos dias, tem se constituído na mensagem do saber aos povos que servem.

O JORNALISMO NAS AMÉRICAS

Aqui é preciso dividir a América do Norte das homônimas, Central e do Sul. Na América do Norte a imprensa entrou pelo México. Em 1535, um alemão chamado Cramberger, introduziu nesse país a máquina de impressão, que imprimiu algumas obras de feição religiosa. O primeiro jornal americano, no entanto, nasceu nos Estados Unidos. Foi o "Public Occurrences Both Foreign and Domestic", editado em Boston, em 1690. Jornal modestíssimo, de uma só folha e vida curta. Ficou no primeiro número.

As autoridades inglesas adivinharam o que o jornal poderia fazer em benefício da Independência americana, e proibiram a sua publicação. Assim, o pequeno órgão de imprensa de nome grande, ficou apenas como símbolo de primazia, dando direito aos norte-americanos de patronos da imprensa no continente. O México, que fora o berço da primeira máquina impressora em terras americanas, lançou em 1693 seu "El Mercurio Volante", fundado e dirigido por Carlos de Següenza Y Góngora.

Porém, os americanos, que haviam sido contidos pelos ingleses durante seu primeiro impulso jornalístico, voltaram ao prelo tão logo os britânicos afrouxaram a censura.

Boston, a mesma cidade que dera a primazia aos americanos de fundadores da imprensa no continente com o citado jornal de um só dia, lançou em 1714 o "The Boston News Letter". Seu funda-

dor, Campbell, foi o primeiro jornalista de profissão, na América do Norte. A partir de Campbell e seu "The Boston News Letter", a América não parou mais. Dezenas de milhares de jornais foram fundados desde então.

Segundo a Enciclopédia Delta Larousse, foram estes os primeiros jornais editados na América Latina, com suas respectivas datas: México: (1693), o já referido "El Mercurio Volante". Na América Central: Guatemala, 1729 "Gaceta de Guatemala"; América Central Insular — República Dominicana (1821), um periódico de vida efêmera e Cuba, em 1790, "El Papel Periódico" e ainda "Aviso" e "Diario de la Habana".

NA AMÉRICA DO SUL

Na América do Sul, a prioridade da imprensa coube ao Peru. Um catecismo foi impresso no Peru em 1594, para auxiliar na catequese dos índios. Jornal, contudo, só veio em meados do século XIX — "El Comercio de Lima", que existe até hoje. Na Venezuela, o primeiro jornal foi "Gaceta de Caracas", em 1808, seguido de três jornais revolucionários, em 1811, "El Seminario de Caracas", "El Publicista" e "El Mercurio Venezolano". Na Colômbia, o jornalismo nasceu com Manuel del Socorro Rodrigues, um cubano emigrado, que editou em 1790 "El Papel Periódico de Santa Fé". No Equador, "Primitivas de la Cultura de Quito" — 1792 — "Gaceta de la Corte de Quito" — 1809 — e "Gaceta de la Corona", em 1810.

No Chile, "El Mercurio" em Santiago, apareceu em 1847 e ainda circula. A impressão era conhecida bem antes, no entanto. Na Bolívia, "El Telegrafo de La Paz", saiu em 1822. Na Argentina, o primeiro jornal foi "El Telegrafo Mercantil" (rural, político, econômico e historiógrafo del Rio de la Plata), em 1801, fundado e dirigido por Francisco Antonio Cabello y Mesa que antes já havia editado um outro jornal no Peru. O jornalista Cabello y Mesa intitulava-se, pomposamente, "abogado de los reales consejos, primer escritor periodico de estas provincias y reinos del Peru, protetor general de los naturales de la frontera de Xanxa". Como se vê, "un periodista muy prolixo...".

A Argentina sempre se destacou na imprensa periódica. A partir da segunda metade do século XIX (1857), o jornalista, depois presidente do país, Bartolomeu Mitre, lançou "La Nación Argentina", nome esse que em 1870 seria suprimido para "La Nación". Esse jornal continua circulando hoje, sendo um dos mais destacados no concerto do jornalismo mundial.

O menor, e no entanto dos mais evoluídos países da América do Sul, o Uruguai, já possuía seu jornal em 1807. Sua imprensa é adiantada, des-

tacando-se "El Paiz" e "El Día", nos dias de hoje. Apesar dos percalços que sofreu em sua história, em vista principalmente das revoluções, soube sempre conservar a dignidade e tem acompanhado o progresso gráfico e intelectual em benefício do país.

O primeiro jornal a circular no Paraguai foi "El Paraguayo Independiente" de Assunção, no ano de 1845. Eis, numa síntese, o aparecimento e evolução do jornalismo no mundo.

Na reportagem a seguir, vejamos como apareceu e se projetou o jornalismo brasileiro.

COTRIJUI FAZ LEVANTAMENTO ECONÔMICO DE ASSOCIADOS

A COTRIJUI está lançando um trabalho de levantamento sócio-econômico em sua área de ação. O objetivo do levantamento é apurar, com exatidão, a potencialidade dos recursos da região, e principalmente os que se relacionam com seus associados.

O trabalho consiste na apuração do patrimônio dos associados, que será feito através de fichas especiais a serem preenchidas e que no futuro serão pro-

cessadas eletronicamente, a exemplo do que já ocorre com a contabilidade dos associados.

Para o andamento deste trabalho, a cooperativa conta com a colaboração de seu quadro social, que deve fornecer todos os dados constantes da pesquisa.

Os associados devem dirigir-se ao escritório da cooperativa, levando, além de todos os documentos de identidade e demais provas de contribuinte, as

escrituras de terras, respectivas benfeitorias nelas existentes e os dados de produção das duas últimas safras, animais de propriedade, inclusive os de serviço.

No caso de associados arrendatários, levar além da documentação especificada, os contratos de arrendamento.

Em ambos os casos, levar também documentação de familiares e relação de empregados.

NASCIMENTO E EVOLUÇÃO DA IMPRENSA BRASILEIRA

Não se sabe com exatidão quando foi fundada a imprensa no Brasil. A preocupação dos portugueses em manter o povo fora de quaisquer idéias novas, obrigou os patriotas a agir na clandestinidade. Por essa razão, os primeiros tempos da imprensa foi clandestino.

Parece que a primeira oficina tipográfica foi instalada no Recife, em 1706, dedicando-se apenas a publicações de caráter religioso (orações e atestados de "cadeira no céu"). Em 1747, no Rio de Janeiro, Antonio Isidoro da Fonseca instalou outra oficina. Descoberto, foi preso, deportado para a corte e sua gráfica lacrada.

Os portugueses imperialistas tinham pavor do jornalismo. Em razão disso, a situação por certo se perpetuaria, se não tivesse surgido um fato novo.

Napoleão, que vivia no auge das aventuras bélicas, determinou a invasão de Portugal. Quando seu general, Junot, aportou no Tejo, Dom João e sua corte viajavam a vela solta para sua colônia na América. Mal para Portugal, bem para o Brasil. Com a instalação do Reino no Rio de Janeiro, os emplumados componentes da Corte começaram a sentir falta de uma série de confortos e utilidades que usavam na Europa. Essas necessidades foram aos poucos sendo supridas.

Uma delas, a fundação da imprensa. A 13 de maio de 1808 era fundada a Imprensa Régia e, com ela, o jornal que circulou a 10 de setembro de 1808: a Gazeta do Rio de Janeiro.

No entanto, e por paradoxal que pareça, editada no Brasil, a Gazeta não era um jornal brasileiro, na acepção do termo. Editada por portugueses na defesa dos interesses de Portugal, era sem dúvida, um jornal português.

O primeiro jornal brasileiro foi o Correio Braziliense, de Hipólito José da Costa, apesar de editado em Londres, onde o jornalista vivia em exílio. A Gazeta do Rio de Janeiro, jornal português,

era dirigido por frei Tibúrcio José da Rocha, que acumulava as funções de oficial da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra.

A trajetória da Gazeta do Rio de Janeiro, lançada como se viu a 10 de setembro de 1808, foi a seguinte: bi-semanário no início; circulava as quartas e sábados. A partir de 1º de julho de 1821 passou a sair três vezes por semana, as terças, quintas e sábados.

em duas colunas. Chegou a circular com oito páginas. Mudou de nome várias vezes. A 22 de agosto de 1821 chamou-se somente Gazeta do Rio; depois de 2 de janeiro de 1824 — já no Brasil independente — Diário do Governo; em 20 de maio do mesmo ano, Diário Fluminense, em 1831, Correio Oficial e Gazeta Oficial do Império do Brasil, nome esse que conservou até a República (1889), quando passou a ser sim-

plesmente Diário Oficial.

Cronologicamente, o segundo jornal impresso no Brasil foi editado na Bahia — em Salvador — o "Idade D'Ouro", cujo primeiro número circulou a 14 de maio de 1811. As duas primeiras capitais do Brasil, por coincidência feliz, foram também as primeiras a possuir jornais. Seguiram-se: "O Patriota" (1813), "O Popular" (1813), "Jornal de Anúncios", "O Amigo do Rei e

da Nação", "O Bem da Ordem", "O Conciliador do Reino Unido", "Sabatina Familiar dos Amigos do Bem", todos no Rio, E na Bahia, após o citado "Idade D'Ouro", "As Variedades", "Ensaio de Literatura" (1812); "Diário Constitucional" "Minerva Bahiense", "O Regulador Brasileiro-Luso" e o "Semanaário Cívico", tudo nos primeiros tempos do Reino Unido.

NA QUESTÃO DO TRIGO QUEM ESTÁ COM A RAZÃO?

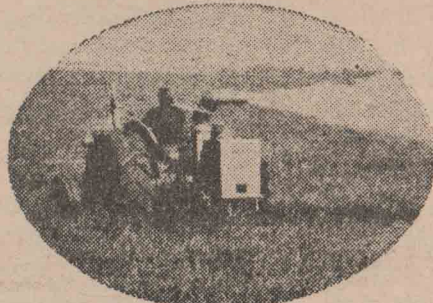


Governo ou agricultor? — O Governo que luta por uma produção mais farta, estimula os preços mínimos e quer ver acabar as importações? — Ou o agricultor que quer melhor safra, maior produtividade por alqueire e o retorno do seu capital?

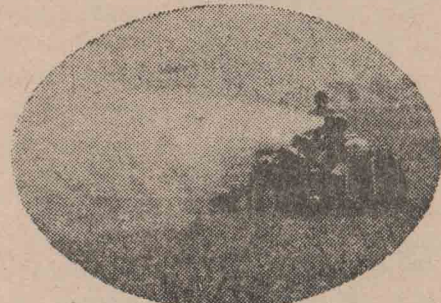
Nós respondemos: — AMBOS TÊM RAZÃO. E para eles, temos um santo remédio: máquinas agrícolas de eficiência total na aplicação de defensivos. Atomizadores, polvilhadeiras e pulverizadores de alta tecnologia, garantidas pela equipe de assistência técnica Jacto.



BV - ATOMIZADOR DE BAIXO VOLUME
Dotado de sistema Microjet, que divide as gotas de defensivo em micro-partículas homogêneas. Tanque de fibreglass para 330 l.



PT - 60 POLVILHADEIRA
Possui ventilador balanceado que elimina vibrações e prolonga sua vida útil. Depósito para 60 kg. Faixa de aplicação 50 m.



UBV - ATOMIZADOR DE ULTRA-BAIXO-VOLUME
Também com sistema Microjet. Específico para aplicação de LVC. Todos os controles operados pelo próprio tratorista. Tanques de polietileno para 80 l.



MAQUINAS AGRICOLAS
R. DR. LUIZ MIRANDA, 5 - TEL.: PBX - 231 - CEP 17580
POMPEIA - ESTADO DE SÃO PAULO
R. MOYSES KAHAN, 37 - TELS.: 66-0449 - 67-7326 e 67-7595
SÃO PAULO - ESTADO DE SÃO PAULO



JACTO
POR UM BRASIL COM TRIGO
PARA COMER E VENDER



Na linha traçada, o perfil físico da futura ligação.

UMA HIDROVIA VAI ATRAVESSAR O RIO GRANDE DO SUL

Um antigo plano hidroviário — tão antigo que remonta aos tempos do Império — está nos projetos de viabilização do Governo através do Plano Nacional de Viação.

O plano é uma via hidrográfica transversal, no sentido Leste-Oeste, que ligará a lagoa dos Patos ao rio Uruguai. É a famosa ligação Jacuí-Ibicuí, que nos aproximará do mar, com uma série de vantagens consequentes.

A área de influência direta da ligação Jacuí-Ibicuí abrange os municípios de Alegrete, Cacequi, General Vargas, Itaqui, Rosário do Sul, Santa Maria, São Francisco de Assis, São Gabriel, São Pedro do Sul, Uruguaiana, Butá, Cachoeira do Sul, Formigueiro, General Vargas, Restinga Seca, Rio Pardo, São Jerônimo, São Sepé, Taquara e Triunfo.

As perspectivas de produtos a serem transportados pela via navegável referem-se,

principalmente, arroz, soja, trigo, gado, e lã no sentido do litoral e calcário, fertilizantes e combustíveis, sal, açúcar e materiais de construção no sentido do interior. Será desnecessário argumentar em termos de significação para a região noroeste do Estado, a implantação do Sistema Jacuí-Ibicuí.

O eng. Affonso H.F. Portugal, do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis DNPVN — Divisão do Rio Grande do Sul, em palestra que proferiu em Cachoeira do Sul no dia 21 de maio último (COTRIJORNAL n.º 21, seção editorial, página 2, sob título "Hidrografia: ligação Ibicuí-Jacuí), relacionou as vantagens da hidrovia sobre todos os demais sistemas de transporte.

Disse o eng. Affonso Portugal que quando se implanta uma hidrovia, com uma sucessão de barragens e eclusas, não se obtém apenas a via de transporte. Obtém-se, ao mesmo

tempo, a regularização do rio diminuindo ou eliminando completamente os transbordamentos de caixa, que tantos males causam as populações ribeirinhas e a produção local. Por outro lado, aumenta-se as vazões de estiagens, aproveita-se a energia hidráulica principalmente para a produção de eletricidade, conta-se com maior disponibilidade de água para usos industriais, domésticos e agrícolas, além de criarem-se condições favoráveis para o desenvolvimento do turismo, da recreação e para a criação de peixes.

Outros aspectos foram relacionados pelo engenheiro Affonso Portugal: "as vias navegáveis oferecem ao usuário dos transportes uma escolha mais ampla, inclusive evitando a formação de monopólios. A hidrovia é versátil, podendo tráfegar todos os tipos de barcos — grandes e pequenos — de grandes empresas ou de empresas individuais. Aliviam as rodo-

vias de cargas pesadas e de massa, contribuindo para a conservação destas, ampliando seu tempo de duração. Permitem as hidrovias o transporte de grandes peças. Mas principalmente pelo barateamento do transporte, pela maior possibilidade de competição dos usuários em relação ao produto transportado, a hidrovia é a grande saída que deve ser buscada, incansavelmente, pelo poder público no Brasil.

O TRAÇADO DA HIDROVIA

O canal de ligação Jacuí-Ibicuí, praticamente ligará o rio Vacacai, que é um afluente do Jacuí, com o rio Santa Maria, que por sua vez é um afluente do rio Ibicuí. Este traçado prevê a construção de um canal lateral acompanhando o rio Vacacai e a transposição do divisor de águas, prosseguindo também com um canal lateral pelo vale do Ibicuí, até a sua foz no rio Uruguai.

Com a finalidade de alimentar a hidrovia em projeto, foi prevista uma barragem de 20 metros de altura, que manterá um reservatório de 1500 hm³ no divisor de águas. Para atingí-lo pela bacia do Jacuí estão previstas seis eclusas nas dimensões de 120 x 17 metros que vencerá um desnível de 82 metros. Já na bacia do Ibicuí serão construídas duas eclusas com as mesmas dimensões e cuja finalidade é vencer um desnível de aproximadamente 20 metros.

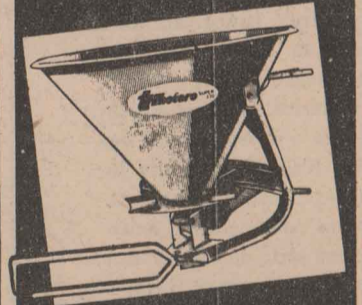
IMPORTÂNCIA DA OBRA PARA REGIÃO NOROESTE

Para o escoamento das safras da região produtora de trigo e soja das regiões das Missões, Alto Uruguai e parte do Planalto Médio, a obra Jacuí-Ibicuí adquire dimensões de interesse gigantesco. O transporte rodoviário rápido desempenharia seu papel desde a zona produtora até os terminais de embarque, a exemplo do entroncamento rodo-ferro-hidroviário de Estrela, e a partir daí, o transporte fluvial fará o resto, com grande economia. No caso da ligação Jacuí-Ibicuí, haverá por certo um terminal de transbordo (rodo-hidrovia) a altura da cidade de Santa Maria, cuja distância média da região de produção (Missões, Alto Uruguai e Planalto Médio) é de mais ou menos 200 quilômetros.

Como se pode observar, é de grande significação para esta região do Rio Grande do Sul, a ligação Jacuí-Ibicuí.

ADUBADEIRA CIRCULAR

Trilhoteiro SUPER 330



- Distribui com perfeição o calcário e adubo, cobrindo até 50 ha p/10 horas de trabalho.
- Capacidade do depósito: 330 litros.
- Acoplável em qualquer trator c/levante hidráulico 3 pontos e tomada de força universal.
- Largura de trabalho: 10 m.
- Assistência técnica permanente.

Fabricantes:
Trilhoteiro
marcas de qualidade e bons serviços
Em Porto Alegre
Rua Dona Teodora 1461 - C.P. 1125
End. Tel. TRILHÓTERO



O presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, quando oferecia a homenagem

COTRIJUI HOMENAGEOU O BB NOS SEUS 20 ANOS DE IJUI

" Banco do Brasil, 440 vezes obrigado.

Em 1957, os 25 associados da COTRIJUI, recém fundada, encontraram um amigo no Banco do Brasil desta cidade.

Os 11.000 associados da COTRIJUI querem agradecer a amizade daqueles dias e os serviços prestados a Ijuí pelo Banco do Brasil, nestes 20 anos.

Aumentamos 440 vezes. A nossa gratidão também. COTRIJUI, 9 de julho de 1975".

Placa de ouro com esses dizeres foi oferecida pelo diretor-presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva, ao

gerente da agência do Banco do Brasil em Ijuí, sr. Ubirajara Mendes Serrão, por motivo da passagem dos 20 anos de existência do estabelecimento neste município, durante jantar na Sociedade Ginástica oferecido pela cooperativa a seus funcionários e dirigentes.

Estiveram presentes ao jantar-homenagem da COTRIJUI todos os funcionários acompanhados de familiares, tendo a frente o gerente, sr. Ubirajara Serrão, além de dois ex-gerentes, os srs. Mário José Beck, hoje gerenciando a agência do banco em Santa Maria, e Clóvis Adriano Farina, hoje diretor-

superintendente da própria COTRIJUI.

Falaram, na oportunidade, o presidente da COTRIJUI, oferecendo a homenagem, a seguir agradecida pelo sr. Mendes Serrão, gerente da agência, e o sr. Wilson Maximino Mânica, vice-prefeito de Ijuí, em nome da municipalidade.

A placa, com que a COTRIJUI gravou no metal seu reconhecimento pela cooperação do Banco do Brasil ao progresso da região, por delegação de Ruben Ilgenfritz da Silva, foi passada às mãos do gerente do banco, pelo conselheiro Reinoldo Luiz Kommers.

1955, teve como primeiro endereço a esquina das ruas José Bonifácio e Ernesto Alves. Seu primeiro gerente foi o sr. Alberto Penno, que esteve a frente de um quadro funcional de 15 pessoas. A primeira hierarquia administrativa da agência foi a seguinte: gerente, Alberto Penno; contador, Marcus Vinícius Rohrig Augê e caixa Nilton Militão. Um total de doze serventuários trabalhavam na agência. Cinco desses antigos serventuários fundadores, ainda hoje trabalham na agência, naturalmente em cargos bem elevados. São os funcionários Benno Arno Waldow, Walter Eickhoff, Guilherme Alfredo Persich, Valentim Garros e Wilson Nascimento.

Foram os seguintes os gerentes que administraram a agência do banco, nestes 20 anos de funcionamento em Ijuí: julho de 1955 a março de 1962, o já citado Alberto Penno; de março de 1962 a fevereiro de 1965, Ary Mello de Lima. Desta data até fevereiro de 1968, Salvador Silveira Freitas. Posteriormente, até abril de 1970, Clóvis Adriano Farina. De abril de 1970 a novembro de 1974, Mário José Beck e desde essa data até hoje, o sr. Ubirajara Mendes Serrão.

A evolução do quadro funcional da agência, hoje na categoria Classe-B foi a seguinte: 15 funcionários na fundação; 45 em julho de 1969; 104 em outubro de 1974 e 122 funcionários hoje.

A fotografia que ilustra este texto foi tirada em 27 de agosto de 1957, tendo por local o ex-Tênis Clube de Ijuí, por ocasião da primeira inspeção feita pela direção-geral. Aparecem, na primeira fila, os administradores Carlos Henrique Glufke, Nilton Militão, Alberto Penno, Horácio Antonio da Costa (inspetor); Marcus Vinícius Rohrig Augê, José Severiano Araújo Almeida e Paulo Machado Lima. Na segunda fila — escrita, tesouraria e outros: Zeferino Sabbi, Guilherme Alfredo Persich, Sadi José Pizolotto, Joaquim Ozório Bohrer, Wilson do Nascimento, Tiradentes Américo Jaeger, Odalcir Hildo Tybusch, Hédio Heinen e Eulálio Ávila Paiva. Terceira fila, portaria: Valentin Garros, Benno Arno Waldow, Adolfo Ubirajara Krammer e Walter Eickhoff.

JORNAL " O GLOBO " COMPLETOU 50 ANOS

O jornal " O Globo ", matutino editado no Rio de Janeiro, completou 50 anos de circulação a 29 de julho último. Lançado por Irineu Marinho, tendo como diretor-tesoureiro Herbert Moses e como diretor gerente A. Leal da Costa, circulou pela primeira vez a 29 de julho de 1925.

Roberto Marinho, filho do fundador, e seu diretor atual, a frente de uma equipe de colaboradores e funcionários que soma centenas de pessoas, autorizou festividades em todo o País para assinalar a sugestiva data que marca a passagem do meio século de circulação de um dos mais atuantes e expressivos jornais brasileiro.

A 24 de julho, com um concorrido coquetel-jantar servido no Hotel Palzza São Rafael, em Porto Alegre, a sucursal de " O Globo " no Rio Grande do Sul comemorou o meio século de circulação do jornal. A COTRIJUI e o COTRIJORNAL, especialmente convidados, estiveram presentes ao acontecimento, através do diretor-presidente, Ruben Ilgenfritz da Silva e do redator Raul Quevedo, respectivamente. Dirige a Sucursal de " O Globo " no Rio Grande do Sul, o jornalista Aduauto Vasconcellos.

SÍNTESE HISTÓRICA DO BANCO DO BRASIL — IJUI

Considerado marco histórico na evolução financeira do município, o Banco do

Brasil tem marcada sua trajetória pelo engrandecimento sócio-econômico na região

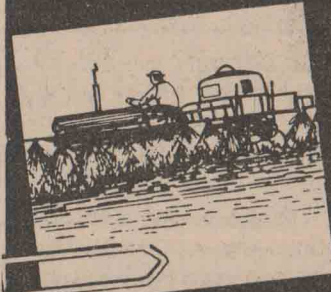
nordeste do Estado.

Funcionando em Ijuí desde o dia 2 de julho de



PULVERIZADOR

Holder
Trilhoteiro



- Com barras de aspersão de 6, 8, 10 e 12 metros
- Único e exclusivo sistema injetor direto
- Com tanque de 200 a 400 litros e acoplável em qualquer trator c/levante hidráulico 3 pontos e tomada de força universal
- Aplica com eficiência os defensivos agrícolas nas culturas de trigo, soja, etc.
- Sua versatilidade permite também o uso do Turbo-Hélice, para pulverização de cafezais, pomares, etc. ou pistolas de pulverização manual
- Assistência técnica permanente

Fabricado por
Trilhoteiro

marcas de qualidade e bons serviços
Em Porto Alegre
Rua Dona Teodora 1461 - C.P. 1125
End. Tel. TRILHOTERO

DEPUTADOS AGRADECEM A VISITA A COTRIJUI

Assinada por seu presidente, deputado Rospide Netto, a Comissão de Agricultura da Assembléia Legislativa endereçou correspondência ao diretor-presidente da COTRIJUI, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, agradecendo a acolhida que tiveram durante a visita feita ao Terminal Graneleiro de Rio Grande, durante a primeira quinzena de junho último.

Naquela oportunidade, além da visita ao Terminal Graneleiro, os parlamentares ouviram uma exposição sobre o andamento do Projeto COTRIJUI/NORTE, feita pelo economista Luiz Carlos Leme, técnico da DS - Desenvolvimento e Sistemas, de São Paulo, empresa de consultoria contratada pela COTRIJUI para levantamento do plano de viabilidade do projeto.

CRÉDITOS DE 44 MILHÕES À COOPERATIVAS DO PARANÁ

Um dos pontos altos das solenidades do Dia Internacional do Cooperativismo, comemorado em Curitiba, com presença do Ministro da Agricultura, consistiu na liberação de créditos, no total de Cr\$ 44.602.167,00 a cooperativas do estado do Paraná, anunciada, na ocasião, pelo presidente do Banco Nacional de Crédito Co-

operativo, Marcos Pessoa Duarte. Onze cooperativas foram beneficiadas pelo órgão vinculado ao Ministério da Agricultura, destinando-se os créditos a finalidades diversas, tais como integralização de capital, compra de tratores esteiras, ceifa trilhadeiras e avião agrícola, bem como construção de silos graneleiros e pré-comercialização de soja e algodão.

TREINAMENTO PARA COOPERATIVISTAS

Segundo informação que nos foi transmitida pelo secretário executivo da PIDCOOP (Projeto Alto Uruguai de Desenvolvimento do Cooperativismo), eng. agr. Avenor Lopes Aguiar, aquele organismo do INCRA vai promover durante a segunda quinzena do corrente mês, um curso de treinamento para conselheiros fiscais de cooperativas, nos municípios de Santo Ângelo,

Três de Maio e Palmeira das Missões.

Referidos cursos, a exemplo do que já ocorreu no ano passado na área do projeto, tem em vista capacitar os conselheiros fiscais das entidades cooperativas para um melhor desempenho de suas respectivas funções em benefício dos associados que os elegeram.

COTRICRUZ PROGRAMA VISITA AOS E.U.A.

A Cooperativa Tritícola de Cruz Alta - COTRICRUZ programou excursão de seus associados aos Estados Unidos, o que deverá ocorrer no período de 20 de setembro a 16 de outubro do corrente ano.

O roteiro da viagem e o período de estadia naquele país, é praticamente o mesmo feito no ano passado por 120 associados da COTRIJUI, cooperativa pioneira também no que se refere a excursões ao exterior.

O programa estabelecido pela COTRICRUZ para visitas, inclusive a lavouras e fábricas de material agrícola do meio-oeste, é o seguinte: Porto Alegre-Nova Iorque, Chicago, Moline, no Illinois; Mankato, Minneapolis, em Minnesota; Dallas, Texas; Memphis, no Tennessee; Nova Orleans, na Louisiana e Orlando (onde está o Disneyworld) e Miami, ambas no estado da Florida, com retorno a São Paulo-Porto Alegre.

SEMENTES DE SOJA, OS PRAZOS ESTÃO NO FIM

No dia 15 de agosto será encerrado, impreterivelmente, o prazo para os pedidos de semente de soja. Estão a disposição dos senhores associados as seguintes variedades: Precoces: Hill, Planalto, Prata,

IAS-2 e IAS-5; Médias: Bragg, Davis IAS-1, e IAS-4; Tardia: Santa Rosa e Hardee.

Faça o seu pedido de reserva de semente o quanto antes e dentro de suas reais necessidades.

ASSOCIADOS ACOMPANHAM BENEFICIAMENTO DE SEMENTE NA COTRIJUI

A COTRIJUI adotou como sistema o acompanhamento por parte dos associados produtores de semente, para que os mesmos vejam na prática, a técnica adotada para a seleção de uma boa semente. Nesta safra de soja a maioria dos produtores de semente acompanharam os trabalhos de seleção e beneficiamento, em todas as fases do processo.

Os resultados tem sido os melhores possível, inclusive no que se refere ao aproveitamento de uma maior tecnologia, com vistas ao melhoramento das próprias linhagens de soja produzidas e destinadas à semente.

Além disso, os produtores vão se conscientizando da necessidade de produzir uma boa semente, pois da qualidade desta, depende em grande parte o sucesso das colheitas. Segundo informação do setor responsável pela produção de semente no Departamento Técnico da cooperativa, esta prática introduzida pela COTRIJUI vai se constituir em praxe em todas as safras de soja, devido a excelência dos resultados.

FESTA NACIONAL DO TRIGO FEIRA PASTORIL

1º salão de máquinas agrícolas e rodoviárias

05 A 20/10/75 - CRUZ ALTA - RS

PROVAÇÃO: PREFEITURA MUNICIPAL E COTRICRUZ



ESTE É O SISTEMA TREFLAN. PRODUTO QUE NUNCA FALHOU, ASSISTÊNCIA TÉCNICA QUE NÃO FALHA E EXPERIÊNCIA. NÃO EXISTE NADA IGUAL. QUANDO O MATA-MATO ENTRA EM AÇÃO, NÃO HÁ MATO QUE ATRAPALHE, NEM AGRICULTOR QUE PRECISE FAZER FORÇA PARA MANTER A COLHEITA NO LIMPO.

Treflan é indicado para as culturas de algodão, amendoim, beringela, cebola de transplante, cenoura, feijão, feijão-vagem, mamona, mandioca, quiabo, soja, tomate de transplante.

Treflan
o mata-mato
nunca
falhou

ELANCO

Treflan

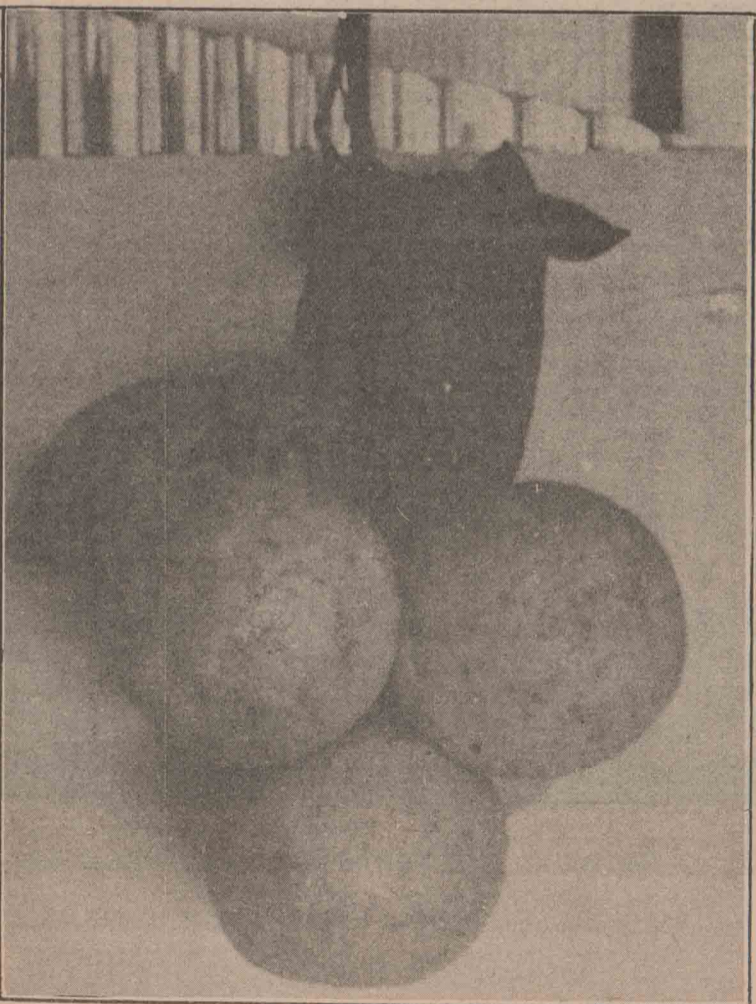
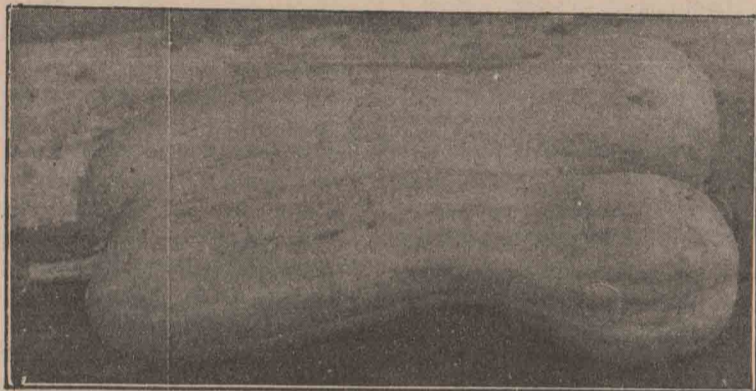
Elanco: fabricante de Treflan, Coban, Hygromix, Perflan e Tylan

CAPRICHOS DA NATUREZA

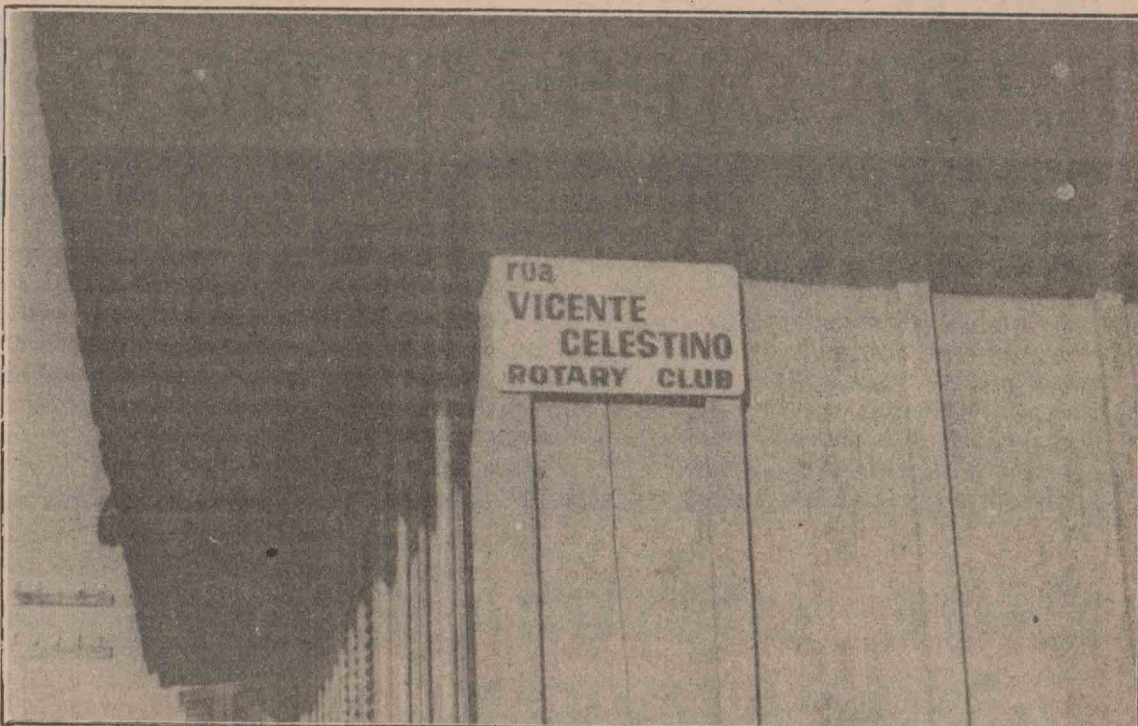
RÁBANO, LARANJAS E ABÓBORA TRIGÊMEAS

Os srs. Edgar Figuer e Nabor Rodrigues de Lima, respectivamente, de Linha 28, Ajuricaba e Linha 28-Norte, também do vizinho município de Ajuricaba, trouxeram para ser fotografados pelo COTRIJORNAL, as culturas que aparecem nas fotos. São um rabanete duplo e uma penca de três laranjas. Agradecemos a atenção de nossos leitores, que cada vez em maior número, trazem colaborações para o seu jornal.

Carmen Maria Moresco, de São Jacó, município de Santo Augusto, enviou à redação do COTRIJORNAL a abóbora que aparece na fotografia. A abóbora gêmea foi colhida na lavoura do sr. Luiz Moresco. Tem a altura de 65 centímetros, com 66 de cintura, pesando 13 quilos. Segundo a correspondente, trata-se de um casal, e tão grande como nunca foi visto na região de Santo Augusto.



RUA VICENTE CELESTINO



A cidade de Veranópolis (ex-Alfredo Chaves), cognominada a Princesa dos Vales, cultuou o cantor Vicente Celestino, dando-lhe o nome a uma rua. A motivação para a homenagem, conforme pode se ver pela placa, foi feita pelo Rotary Clube de Veranópolis. Vicente Celestino — quem ainda não lembra? — falecido em São Paulo em 1969, foi um cantor do povo, sonho desse mesmo povo, que o aplaudiu por mais de 30 anos,

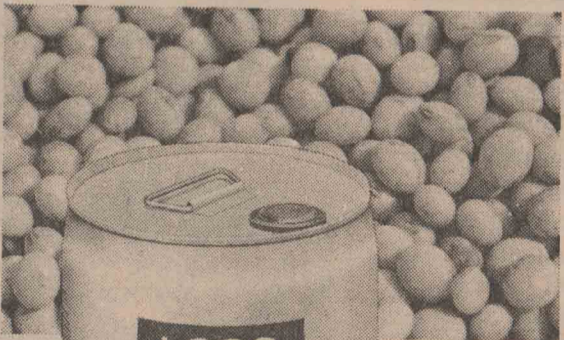
em todos os quadrantes do Brasil. Justa a homenagem de Veranópolis a Celestino. Tomara que outros municípios lembrem-se também de homenagear nossos cantores, muitos deles, verdadeiros ídolos populares. A propósito, lembramos de Francisco Alves, cognominado com muita justiça de o "Rei da Voz", que infelizmente está praticamente esquecido, 23 anos após a sua morte.

Monsanto TRANSFORMANDO CIÊNCIA EM BEM-ESTAR.

LAÇO®

controla o maior número de ervas na SOJA.

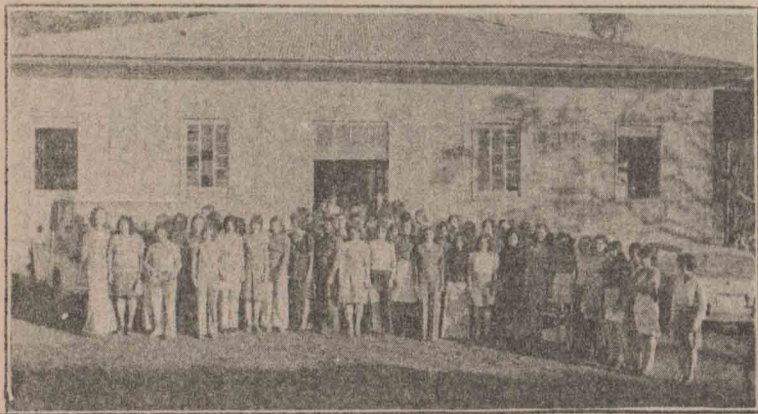
Pergunte a quem já usou. Fale com um agrônomo.



LAÇO controla o maior número de ervas. Sua ação vai além das gramíneas. LAÇO é de alta eficiência também no controle das mais importantes ervas de folha larga, como:

TRAPOERABA, CARURU, PICÃO-PRETO, GUANXUMA e ERVA-QUEENTE. LAÇO é segurança absoluta para a SOJA.

Indústrias Monsanto Ltda.
01220 - Rua Araújo, 216 - 6º andar
C. Postal 8341 - Tel. 257-7966
São Paulo - SP



CORTE, COSTURA E ASSOCIATIVISMO

Durante os dias 19 de maio a 25 de junho, realizaram-se dois cursos de corte e costura e associativismo no Núcleo Cará, distrito de Vila Jóia, município de Tupanciretã. Foram promovidos pelo Convênio Cotrijui/Fidene e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tupanciretã, cuja sede é em Vila Jóia.

Participaram um total de 42 senhoras e moças. As aulas foram ministradas sob a orientação da professora Hermínia Pannebecker, na parte de corte e costura, sendo as aulas de associativismo feitas através de palestras por professores do Convênio.

Esses grupos de senhoras continuarão se reunindo periodicamente para estudos e debates de problemas, num esforço para integrar a mulher no processo social e econômico da região. Dessa ação educativa, nascida e desenvolvida pelo próprio grupo, deverá surgir a curto prazo uma melhor capacitação, conscientização e compreensão geral da realidade em que se encontra inserida hoje a família do agricultor.

Ao final do curso, durante a entrega de certificados de conclusão, houve confraternização entre cursistas e familiares.

CURSO DE CAPACITAÇÃO A DIRIGENTES SINDICAIS

Dos dias 30 de junho a 5 de julho, tendo por local o Instituto Municipal de Educação Rural "Assis Brasil" - IMERAB, de Ijuí, foi promovido pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAG) e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), através do Programa Integrado de Desenvolvimento do Sindicalismo, um curso de capacitação de dirigentes sindicais das regiões de Ijuí e de Carazinho. Foi coordenador da região de Ijuí o sr. Orgênio Rott, presidente do sindicato local. Participaram sob a supervisão desta região os sindicatos de Condor, Catuípe, Chiapetta, Ajuricaba, Augusto Pestana, Palmeira

das Missões, Cruz Alta, São Martinho, Coronel Bicaco, Tupanciretã (Vila Jóia), Panambi, além de Ijuí.

Da região de Carazinho, tendo como coordenador o sr. Claudino Rech, participaram os sindicatos de Ibirubá, Colorado, Selbach, Victor Graeff, Espumoso, Campo Real, Santa Bárbara do Sul, Chapada, Carazinho, Passo Fundo e Tapera.

Ao todo, participaram 57 líderes sindicais, para os quais foram abordados os seguintes assuntos: histórico da situação sócio-econômica do sindicalismo no Estado, por Marília A. Scalcon. Esta orientadora também abordou a modificação ou formação de atitudes de imitação e a dinamização e envolvimento da comunidade no movimento sindical, sob o título, comunicação, grupos e lideranças.

O bacharel Mário Augusto Ferrari, juiz de Direito de Ijuí, abordou a legislação agrária. Legislação trabalhista foi apresentada pelo bacharel Adil Todeschini, contabilidade sindical por Joel Rosso. O sr. Edvino Werlang, assessor sindical da FETAG, falou sobre administração sindical, funcionamento geral e educação e reorganização dos sindicatos rurais.

No dia do encerramento do curso foi feita uma apresentação de eslaides com palestra do diretor do Departamento Técnico do COTRIJUI, eng. agr. Nedy Rodrigues Borges, sobre o projeto de colonização da Amazônia. O encerramento do curso foi na sede da AFUCOTRI, na Linha 3-Oeste.

LÍDERES RURAIS EM AUGUSTO PESTANA

Na sede do município de Augusto Pestana, a 19 de julho, realizou-se um encontro de líderes rurais dos núcleos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais daquele município.

O encontro foi promovido pelo Convênio Cotrijui/Fidene e o sindicato local. O tema principal do encontro foi uma palestra sobre a colonização da Amazô-

nia, a ser feita pela COTRIJUI. Também foram tratados assuntos relacionados com a assistência médico-hospitalar pelos convênios Sindicato-Funrural.

REUNIÃO DE PROFESSORES EM CORONEL BICACO

No dia 2 de julho, na cidade de Coronel Bicaco, a partir das 14 horas, o professor Walter Frantz, do Convênio Cotrijui/Fidene, proferiu palestra aos professores daquele município. O tema versado foi a escola e a sociedade, perspectivas atuais da educação. Falou também, sobre o aproveitamento do COTRISOL, suplemento infantil do COTRIORNAL, especificamente na área da expressão e comunicação. A reunião foi presidida pela professora Clélia Coimbra da Silveira.

ASSEMBLÉIA NO SINDICATO RURAL DE CHIAPETTA

Com a presença de 85 associados, realizou-se no dia 28 de junho, assembléia geral no Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Chiapetta. Presidida pelo sr. Albino Weschter, a assembléia realizou tendo por local o salão do sr. Arnildo Becker.

A assembléia foi prestigiada pela presença do prefeito municipal, sr. Júlio Kronbauer, es-

tando presentes também o sr. Luiz Carlos Machado, gerente da COTRIJUI - unidade de Chiapetta - odontólogo Darci Zwirtz, médico Antonio Carlos Bandeira; Jaldyr Cabral da Silva, representante da FETAG e Vilmar Henges, técnico da COTRIJUI.

A assembléia aprovou todos os assuntos constantes da ordem do dia, inclusive dando liberdade à diretoria para fazer financiamento destinado à construção da sede própria.

NÚCLEOS REUNIDOS EM VILA JÓIA

Tendo por local o Clube Harmonia de Vila Jóia, o diretor do Departamento Técnico da COTRIJUI proferiu palestra sobre a futura ocupação de 400 mil hectares de terras na Amazônia, por associados da cooperativa. Participaram como ouvintes associados de Vila Jóia, sede; e, núcleos de Esquina Santo Antonio, São Pedro, Coronel Lima e Potreirinho.

REALIZADO CURSO EM TENENTE PORTELA

Para um público de 40 agricultores, realizou-se em Tenente Portela, durante os dias 17, 18 e 19 de julho último, um curso de orientação técnica e associativismo. Foi uma promoção do Convênio Cotrijui/Fidene,

com a colaboração da Associação Conservacionista de Ijuí.

MÉDICO DO FUNRURAL AGUARDADO EM IJUÍ

Dirigentes sindicais da área da COTRIJUI esteve no dia 24 de julho em contato com o coordenador-regional do FUNRURAL no Estado, bacharel Osny Linndmayer, na capital do Estado, quando foram abordados diversos assuntos de interesse do sindicalismo rural nesta região. Na ocasião, ficou acertada a vinda do assistente médico do FUNRURAL em Ijuí, clínico Haroldo Limeira, em data a ser fixada, quando terão seguimento assuntos da área médico-hospitalar.

Os dirigentes sindicais viajaram a Rio Grande a convite da COTRIJUI, para participar das solenidades alusivas a inauguração do Terminal Graneleiro "Luiz Fogliatto". De Rio Grande viajaram a Porto Alegre com a finalidade de conhecer as instalações da COTRIEXPORT e aproveitaram a ocasião para manter contato com os dirigentes do FUNRURAL. Além de funcionários da COTRIJUI, acompanharam os sindicalistas até ao gabinete do coordenador-regional do FUNRURAL, o sr. Geraldo Pegoraro, secretário-geral da FETAG.

a melhor receita para multiplicar a produtividade da sua lavoura.



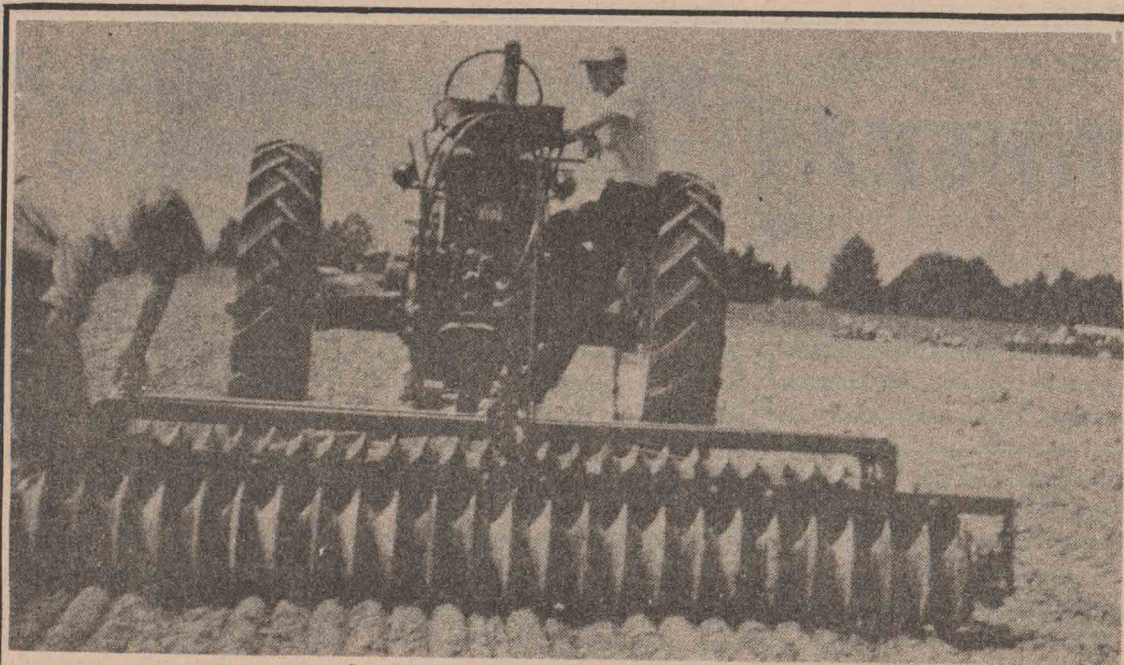
adubos pampa sa

O VERDE DA TERRA

Rua Gravataí, 145 - Caixa Postal, 142 End. Telegráfico "ADUSPAMPA"
Fones: 72-1067 - 72-1383 - 72-1571 - Canoas - RS.

ADUBOS - INSETICIDA - CALCÁRIO

REPRESENTANTES: Comércio e Representações Agrícolas Caçula Ltda. - R. 15 de Novembro, 448 IJUÍ - R. GRANDE DO SUL



Semeadeira para forrageiras, do tipo " Brillion"

SEMEADURA DE FORRAGEIRAS

Eng. Agr. Renato Borges de Medeiros

Frequentemente quando ocorrem falhas na sementeira das pastagens os agricultores procuram explicação junto aos técnicos. Porém se perguntarmos porque ocorreu o fracasso, a maioria responderá que a semente era ruim ou que o tempo foi seco. No entanto, estas razões na maioria das vezes não correspondem a realidade. Geralmente semeamos um número de sementes muito maior do que as plantas obtidas. Para obtermos bons resultados com a sementeira das pastagens precisamos saber porque a germinação é desuniforme e porque certas plantas sobrevivem e outras morrem. Procurando responder a estas questões e objetivando resolver os problemas da sementeira vamos discutir todos os fatores que interferem na formação de uma pastagem.

O sucesso na produção das culturas forrageiras depende, em primeiro lugar, do estabelecimento de um número satisfatório de plantas e isto requer semente de boa qualidade, escolha da variedade mais produtiva, solo bem preparado e com pH e fertilidade adequados, sementeiras na época certa e controle de invasoras e insetos.

Falhas na sementeira além de trazer o desânimo ao produtor, implicam perda de dinheiro. Como isto ocorre com mais frequência no estabelecimento de forrageiras que possuem sementes de tamanho reduzido, as

técnicas aqui apresentadas referem-se basicamente para a sementeira de sementes pequenas.

Semente

Assim como em outras culturas, a qualidade das sementes forrageiras é sumamente importante. No custo total da formação de uma pastagem a diferença de preço entre uma semente de alta qualidade e uma outra semente é, geralmente, insignificante. Sempre devem ser utilizadas sementes com germinação e pureza garantidas; sementes certificadas é sempre um bom investimento. É necessário ainda que as sementes sejam de espécies ou variedades tecnicamente recomendadas e que se satisfaçam as pretensões do produtor a aptidão do solo.

Calcário e Fertilizantes

Um efetivo estabelecimento das forrageiras requer um pH apropriado e uma fertilização adequada. Para determinar a necessidade de calcário e de fertilizantes é necessário fazer uma boa amostragem do solo e encaminhar a um laboratório de análise. O calcário deve ser aplicado e incorporado oito meses antes da sementeira para que o pH possa se modificar para os níveis pretendidos. Para as leguminosas isto é fundamental. Um pouco antes ou no momento de sementeira aplica-se o restante dos corretivos e fertilizantes.

Preparo do Solo

O solo deve ser bem preparado e com certa firmeza. Estas condições asseguram um bom contato das sementes com o solo, ajudam a manter a umidade próxima às sementes e conseqüentemente possibilitam uma germinação mais rápida e um bom crescimento inicial das plantas.

Os solos com textura fina, como o solo de Santo Ângelo, não devem ser excessivamente preparados. No caso de solos deste tipo o preparo de uma superfície moderadamente grosseira, formada de pequenos torrões, reduzem a formação de crostas que podem impedir a emergência das sementes. Nos solos com textura franca ou arenosa o solo pode ser bem preparado e firme, pois são menos sujeitos à formação de crostas.

Época de Sementeira

Quando se realiza a sementeira das forrageiras deve existir água disponível no solo para que ocorra uma germinação rápida e uniforme. A sementeira em solos soltos pode ser realizada antes da chuva, contudo em solos argilosos não é aconselhável em virtude da formação de crostas. Para as forrageiras de estação quente a sementeira deve ser realizada na primavera para que se obtenha o estabelecimento das plantas antes da ocorrência de altas temperaturas que podem matar as plantas pelo rápido dessecação do solo. No caso da alfafa visando a concor-

rência dos inços, recomenda-se realizar a sementeira no mês de abril. Com a pensacola tem-se obtido bons resultados com sementeiras realizadas em junho, juntamente com o plantio do trigo. As forrageiras de inverno devem ser semeadas a partir de abril podendo se prolongarem até fins de junho. Para o azevém este período pode ser antecipado para março. Com relação à renovação das pastagens de verão, onde se aplicam trevos e/ou azevém e aveias, a sementeira deve ser realizada quando a pastagem de verão inicia a sua dormência (paralisação do crescimento) o que normalmente ocorre em junho.

Aqui não pode ser esquecido de que todas as leguminosas forrageiras diferem das gramíneas em um aspecto fundamental: a fixação do nitrogênio através das bactérias que se desenvolvem em suas raízes. Por outro lado as leguminosas apresentam menor capacidade de extração de P, K, Ca do solo do que as gramíneas e em conseqüência são mais exigentes em pH e fertilizantes. Por estas razões as leguminosas devem, além de ser inoculadas no momento da sementeira, receber uma adubação geralmente mais intensa do que as gramíneas.

Métodos de Sementeira

A falta de controle na profundidade de sementeira é a maior causa do incucesso no estabelecimento das pastagens. A profundidade, de sementeira para gramíneas e leguminosas de semente pequenas deve variar entre 0,7 cm e 1,5 cm. Um solo bem preparado e com uma superfície firme possibilita um bom controle da profundidade.

Métodos que preparam no solo o lugar para as sementes, são geralmente melhores do que as sementeiras a lanço. Na sementeira a lanço muitas vezes as sementes ficam expostas numa superfície com resíduos secos e a germinação fica sensivelmente prejudicada. Com a utilização de um arastão ou uma grade após a sementeira, a situação pode ser pior ainda, pois muitas sementes permanecem na superfície enquanto outras colocadas muito profundas ficam impossibilitadas de emergir. Ainda nas sementeiras a lanço são ne-

cessárias maiores densidades de sementes do que nas sementeiras com profundidade controlada.

Na sementeira em linhas as vantagens são muitas. Em primeiro lugar as sementes são distribuídas através dos discos diretamente sobre os fertilizantes, o que possibilita um bom vigor para as forrageiras, mas não para as invasoras entre as linhas. Com a sementeira corretamente regulada pode-se conseguir uma cobertura fina e uniforme das sementes. Se o solo é de textura franca ou arenosa é aconselhável a aplicação de um rolo logo após a sementeira. Nos solos basálticos tem-se obtido bons estabelecimentos de forrageiras também com sementeira a lanço, quando o solo apresenta uma superfície moderadamente grosseira e recebe uma leve compactação com rolos. Excelentes resultados em estabelecimento de forrageiras também podem ser obtidos com a utilização das sementeiras tipo Brillion, conforme ilustra a figura.

Controle de Invasoras

Um bom controle de invasoras no estabelecimento de gramíneas e/ou leguminosas garante um vigoroso crescimento. Existem espécies, principalmente as de estação quente, que toleram a concorrência dos inços. No entanto espécies como a alfafa e o cornichão sofrem intensamente com a concorrência das invasoras, mais notadamente no período de estabelecimento. Para estas espécies recomenda-se escolher solos livres de invasoras. Se o solo apresentar muitas invasoras a sementeira deve ser precedida da aplicação de um herbicida tipo Etpam. Nas pastagens de azevém, aveia ou centeio pode ser aplicado BI HEDONAL ou Tordon 101 para o combate às invasoras de folha larga como o nabo. As recomendações sobre herbicidas não vão além destas, porque as informações de pesquisa ainda são escassas em nosso meio. É importante não esquecer que a formação de pastagens a partir de sementes de pequeno tamanho exigem todos os cuidados aqui referidos, mas fundamentalmente um método de sementeira adequado ao tipo de solo.

O HOMEM E A NATUREZA

Eng^o. Agr^o. Sérgio C. Damiani

Com a finalidade de discutir problemas ligados ao ambiente natural, as Nações Unidas realizaram uma conferência Internacional em Estocolmo, em 1972, na qual foi instituído o dia mundial no meio ambiente, que se comemora no dia 5 de junho de cada ano. Lembrando esta data, agora oficializada no mundo inteiro, é que queremos fazer algumas considerações, objetivando trazer algumas informações que julgamos serem úteis para apontar a crise atual do meio ambiente. O despertar para a criação de uma consciência ecológica significa o início das preocupações para uma mudança, talvez desagradável para muitos, mas que necessária e sem a qual as conseqüências serão de efeitos drásticos e catastróficos.

Todos somos sabedores da interação que existe entre todos os elementos formadores da natureza, e a quebra do equilíbrio certamente representará forte impacto sobre este sistema que aprendeu a viver em perfeita harmonia. Com respeito às reservas naturais, se aumentarmos os índices de utilização; se por exemplo, os países pobres começaram a elevar os níveis de consumo, de forma que os dois bilhões de habitantes das zonas temperadas, isso naturalmente, aumentará a tensão ecológica. Resta saber se um aumento de conhecimentos poderá contrabalançar a crise que se aproxima. Temos que considerar a nossa atual situação numa ocasião em que podemos usar o nosso capital geológico sob a forma de combustíveis fósseis, inclusive o petróleo, e que terá de ser transformado em conhecimentos.

Ainda não estamos fazendo o suficiente a tal respeito. Ninguém está se preocupando muito com o aproveitamento da energia solar, por exemplo. Na fase atual, isto talvez seja dispensável, já que ainda dispomos de muito combustível fóssil, mas dentro de cem anos tudo deverá ser diferente. Não há dúvidas de que a energia solar encerra grandes promessas. E temos ainda a revolução da biologia molecular que pode significar a possibilidade de criarmos novas formas de vida, algas artificiais, que executem uma fotossíntese muito mais eficiente do que as plantas atuais. São muitas as possibilidades, mas até agora temos pensado que a terra é ilimitada, e estamos sempre crescendo dentro dela. Realmente não sabemos muito a respeito da terra como um sistema total, mesmo biologicamente. Nem mesmo sabemos, por exemplo, o que estamos fazendo com a atmosfera.

O que realmente apavora é a possibilidade de mudanças longas, lentas e irreversíveis que até podem produzir uma nova Era Glacial ou ao efeito de estufa. Afinal de contas ainda não sabemos o que causou a Era Glacial do passado. Não conhecemos o quanto a terra é sensível. O aspecto do uso de produtos químicos na lavoura, como sendo a melhor solução, sabemos que não é verdadeira, pois estamos convencidos que a maneira mais eficaz e segura, é a combinação de métodos químicos e biológicos, mas caracteristicamente, o integrado é bem moderado em sua manipulação.

O sentido real de todo controle integrado é o bom senso. Todos aqueles que são obrigados a comprar pesticidas certamente haveriam de preferir comprar menos e contar mais com os inimigos naturais das pragas. Isso vai acontecer sempre. Só que é preciso haver conhecimentos. Com o controle biológico por exemplo, precisamos levar em conta o tempo, que é difícil prever e às vezes acontece um aumento inesperado da população de certos insetos devido a fatores estranhos. É por isso

que tem havido a tendência para usar métodos mais seguros e recorrer ao uso de produtos químicos. O que se condena é o uso profilático de pesticidas, ou seja, o uso como preventivo. Precisamos sim, procurar determinar quando acontecerá o ataque de certa praga e usar defensivos no momento oportuno. Temos exemplo do uso do controle biológico com sucesso, por volta de 1880, na Califórnia (USA). Havia um inseto que estava arruinando as lavouras de algodão e foi ali introduzida então, a joaninha, que acabou com eles, até que os inseticidas foram pulverizados para combater outros insetos inteiramente diferentes, matando também muita joaninha e os insetos voltaram novamente a aparecer.

A aplicação de DDD (um produto parecido com DDT, porém menos tóxico para os peixes), foi usado num lago para resolver um desagradável problema de mosquitos. O objetivo era matar as larvas que vivem na água. A operação parecia alcançar sucesso; os mosquitos pareciam ter desaparecidos e não havia indícios de danos aos peixes ou a vida selvagem. Anos depois os mosquitos voltaram ao lugar onde tinham estado e foram feitas novas aplicações de DDD. Após certo tempo apareceram no lago muitos mergulhões mortos e tudo indicava que a morte dos mergulhões teria sido por causa do DDD que tinha alterado a reprodução, porém a melhor explicação seria que o DDD, viajando numa cadeia de alimentos desde o plâncton e outros minúsculos organismos no lago até os peixes, para então chegar aos mergulhões que se alimentavam deles. Todas as sucessivas formas de vida que consumiam o produto tinham-no concentrado e finalmente foram os mergulhões que receberam a dose mortal. Quem poderá afirmar não ser o homem que está recebendo a dose letal?

Já temos exemplos suficientes para alertar sobre o problema ecológico, porém a ecologia não é uma matéria que tenha respostas fáceis, soluções imediatas. O trabalho é sempre minucioso e a longo prazo e os resultados são muitas vezes confusos.

A grande controvérsia sobre o DDT é um bom exemplo disso. Tem havido muitas discussões e pesquisas a respeito da eficácia do DDT, e mesmo assim é difícil chegarmos a respostas claras, porém se tem evidências dos malefícios causados pelo produto. Contudo, seria bom se o DDT fosse substituído o mais depressa possível por outros métodos, porém sabemos que certos países contam com o mesmo para salvar vidas e melhorar condições sanitárias, pelo menos a curto prazo. Ele se tornou parte do grupo dos produtos químicos aceitáveis para serem jogados ao meio ambiente antes de suas inconveniências terem sido descobertas.

A crise do meio ambiente é evidente e as dificuldades serão maiores se até o final deste século não forem tomadas medidas que alterem nosso comportamento em relação ao planeta em que vivemos. O uso indiscriminado de produtos químicos elevará a tal nível a poluição dos continentes que a ecossfera não terá mais capacidade de suportar. Alertamos todos aqueles que lidam com produtos químicos, para que não fiquem alienados diante da natureza e que nossa filosofia seja modificada para que não preparemos a nossa própria extinção. E que também se façam esforços para evitar o sobreconsumo e economizar os recursos naturais, ou seja, lançar bases de um novo modo de vida, manifestando a tomada de consciência do indivíduo perante a crise ecológica.

EMBRAPA DIVULGA A TÉCNICA DO TRIGO

Os engenheiros-agrônomo Erley Mello Reis e Roque Tomazini, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária — EMBRAPA — do setor do trigo sediado em Passo Fundo, estiveram em Ijuí a 15 de julho, com a finalidade de proferir palestras para técnicos e agricultores do município sobre as melhores práticas de controle das doenças e pragas que atacam os trigos.

As palestras foram proferidas no IMERAB — Instituto Municipal de Educação Rural "Assis Brasil" — tendo comparecido grande número de ouvintes. As palestras foram ilustradas com esboços, tendo os técnicos se colo-

cado a disposição dos ouvintes para responder todas as perguntas relacionadas com os temas em debate.

Os agrônomos da EMBRAPA analisaram as técnicas indicadas na série pacotes tecnológicos para o trigo, detendo-se em pormenores no pacote nº 1, que se destina a médias e grandes lavouras.

Os palestrantes vieram a convite do Departamento Técnico da COTRIJUI, cujos técnicos presentes fizeram perguntas e pediram detalhes sobre questões relacionadas com as novas técnicas que vem sendo difundidas pela EMBRAPA.

FUNGICIDAS EM TRIGO, CUIDADOS NECESSÁRIOS

Uma nova técnica que será colocada à disposição dos triticultores.

Há 3 anos foi iniciado o trabalho experimental de aplicação de fungicidas na lavoura de trigo. Nas estações experimentais este trabalho é bem mais antigo. Hoje está se buscando o controle integrado de moléstias e pragas. As moléstias principais são: ferrugem da folha, septória e giberela. Existem outras de menor importância. Também já foram obtidas variedades de trigo com resistência à ferrugem do colmo, que era a principal moléstia nos anos passados. A obtenção de variedades resistentes às principais moléstias atuais é o caminho ideal que está sendo buscado pela pesquisa, porém é longo e incerto. Até lá existe a opção dos fungicidas. O período crítico das moléstias é do emborrachamento em diante, ou seja, agosto e setembro. Tempo chuvoso é o fator imprescindível ao desenvolvimento das moléstias. A pesquisa em outros países mostra que se for protegida a parte superior da planta, a última terça parte estará assegurada 90 por cento do seu rendimento. Se este dado for confirmado no Estado, a aplicação de fungicidas será feita em anos anormais ou em casos especiais a fim de manter uma boa produtividade. Em anos normais, o aumento de rendimento é pequeno e a sua aplicação não será econômica. Por esta razão, não será recomendado.

Os dados que se dispõem são ainda insuficientes para se oferecer maiores detalhes e esclarecimento, razão pela qual os agricultores que desejam aplicar fungicidas, estão sendo aconselhados a consultar técnicos, deixarem uma área testemunha e aplicarem em áreas experimentais (pequenas), registrando todos os dados possíveis a respeito da época de plantio, densidade, adu-

bação, data da aplicação dos fungicidas, condições climáticas posteriores, controle de pragas, enfim, tudo o que ocorrer até a colheita. Finalmente, fazer a colheita separada das áreas tratadas e testemunhas, a fim de avaliar os resultados.

Existe uma agressividade enorme de algumas firmas distribuidoras de fungicidas, o que vem preocupando os técnicos em geral. A preocupação decorre de que não existem dados de pesquisa suficientes para uma informação mais segura a respeito do assunto e ao mesmo tempo não existe uma infra-estrutura de aviação agrícola capaz de atender as necessidades desse mercado. Muitos agricultores estão programando aplicar fungicidas com equipamentos terrestres, o que seguramente levará a um prejuízo por amassamento de no mínimo 7 a 8 por cento.

Se não houver um resultado econômico, o que pode ocorrer por diversas causas, esta nova prática poderá cair no descrédito do agricultor. Esta é a grande preocupação dos pesquisadores e técnicos em geral.

Hoje, está sendo aconselhada a aplicação de fungicidas em 2 ou 3 vezes, com espaçamento de 7 a 10 dias, dependendo das condições climáticas e da lavoura. O custo poderá variar muito em função dos produtos e dosagens empregadas. A EMBRAPA, (Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias), em reunião realizada dia 22 em Ijuí, apresentou aos técnicos um cálculo de custo com 2 aplicações de fungicidas que varia entre Cr\$280,00 e Cr\$360,00 o hectare. Com 3 aplicações os custos são maiores. Esse dado nos mostra que a lavoura de trigo tratada deverá produzir de 3 a 4 sacos/ha a mais a fim de cobrir os custos das aplicações de fungicidas.

PREÇO DOS EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS

Eng^o Agr^o Nedy Rodrigues Borges

As atividades agrícolas, para seu pleno desenvolvimento, exigem uma infraestrutura que, dentro do sistema atual de exploração da terra, está marginalizando a maioria das propriedades desta região.

Pensar em atividade agrícola hoje, é imaginar equipes moto-mecanizadas arando, gradeando, semeando, pulverizando e ceifando.

A formação de uma equipe de máquinas e implementos depende da área a explorar. Além disso, o desempenho de uma equipe depende também de uma infraestrutura de apoio, como oficina, pessoal, combustíveis, lubrificantes, insumos, etc. Equipes pequenas não comportam essa infraestrutura, o que pode prejudicar o rendimento em até 50 por cento, segundo dados obtidos em lavouras desta região.

Diversos estudos mostram que o trator agrícola deve trabalhar em torno de 1.000 horas anuais a fim de que os custos fixos sejam perfeitamente suportáveis.

O custo de uma máquina agrícola ou implemento é composto de uma parte fixa e outra parte variável. A parte fixa é aquela que independe do funcionamento da máquina ou implemento e é constituída de juro do capital empregado, seguro e amortização das instalações necessárias à sua guarda, como garagem, por exemplo. A parte variável depende estritamente do funcionamento da máquina ou implemento e é constituída de combustíveis, óleos, lavagem, lubrificação, reparos e operadores. Verificando o estudo do custo da lavoura de trigo no Rio Grande do Sul, pode-se constatar que a formação mais econômica de uma equipe de máquinas e implementos oscila entre 150 e 200ha. Esse dado nos mostra que a maioria das lavouras desta

região o mesmo do Estado, estão abaixo deste padrão.

Os estabelecimentos bancários em geral exigem que o agricultor disponha de, no mínimo, 50 hectares de lavoura para concessão de financiamento na aquisição de um trator pequeno.

A lavoura de 50 hectares possibilita um uso razoável desse pequeno trator, com custos perfeitamente suportáveis. Entretanto, os pequenos agricultores com área inferior a 50 ha, também soham em ser empresários e possuem seus equipamentos. Esta é realmente a grande ilusão que domina o pequeno agricultor.

Em visita a diversas propriedades de municípios da região, com áreas de 20 a 30 ha., tem-se constatado a existência de diversos tratores operando em torno de 300 horas anuais, o que significa 33 por cento de sua capacidade normal.

A ociosidade dessa máquina obriga ao seu proprietário a retirar recursos da criação de suínos, gado leiteiro ou outras fontes, para sua amortização ou pagamento.

A máquina foi feita para ser paga com o seu trabalho. O agricultor desta região que já deu mostra de seu espírito cooperativo na solução de outros problemas, deve deixar a ilusão de lado, partindo na busca de uma maneira cooperativista de usar as máquinas no cultivo da terra.

A cada dia que passa, mais difícil se torna a aquisição de maquinário agrícola. Pelos preços atuais o pequeno agricultor está proibido de se mecanizar. Para que todos tenham conhecimento da alta violenta e até proibitiva dos equipamentos agrícolas transcrevemos algumas cotações obtidas em Ijuí, em três oportunidades.

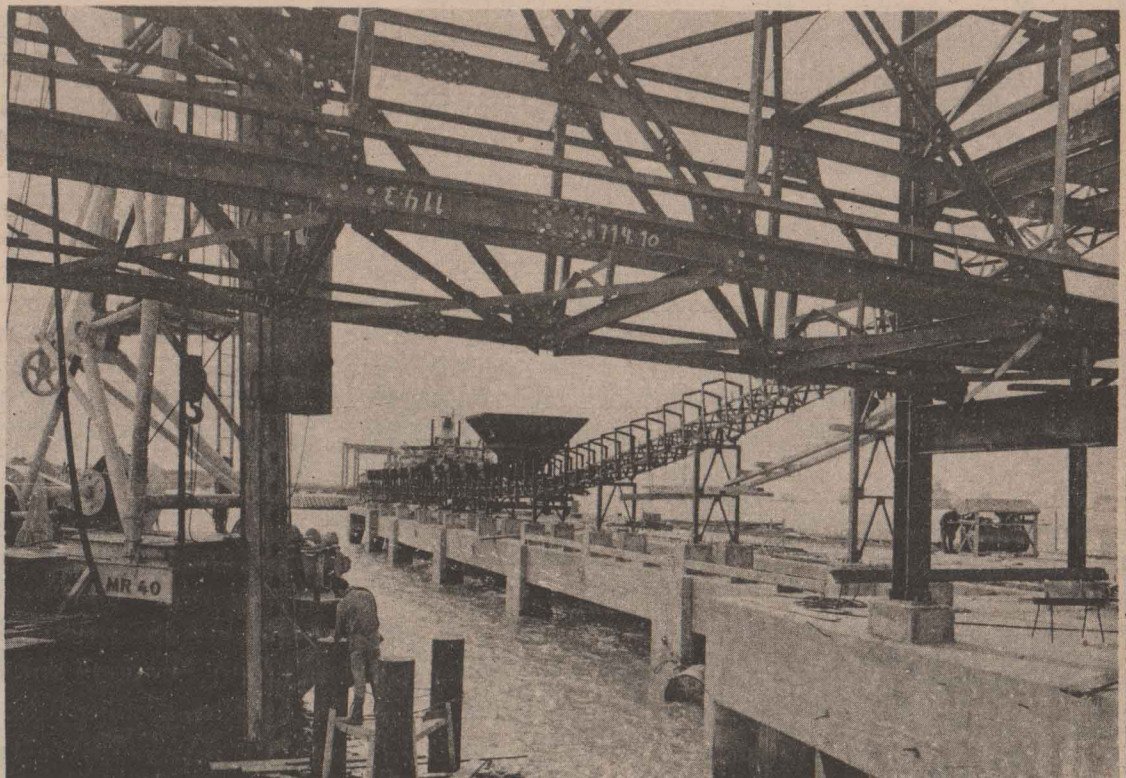
	25/07/74	10/02/75	01/07/75	PERCENTAGENS DE AUMENTOS
TRATORES:				
M. FERGUNSON 65X - 60 HP	39.500,00	56.600,00	70.302,00	77,9%
VALMET 65 - 58 HP	39.000,00	51.500,00	65.000,00	66,6%
AUTOMOTRIZES:				
CLAYSON 1530-13 pés de corte	209.000,00	251.860,00	276.441,41	32,2%
S.L.C. 1000-12 pés de corte	139.000,00	197.800,00	230.000,00	65,4%
SEMEADEIRAS:				
SEM RIVAL - 15 linhas	15.240,00	16.770,00	18.140,00	19,0%
M. FERGUNSON - 15 linhas	15.560,00	19.150,00	22.829,00	46,7%
TERRACEADOR:				
IMASA - 4 discos de arraste	8.100,00	9.200,00	11.200,00	38,3%
ARADOS:				
SEM RIVAL - 5 discos - 26"	14.560,00		17.790,00	22,1%
M. FERGUNSON - 5 discos - 26"	5.880,00	9.500,00	10.388,00	76,6%
GRADES:				
IMASA - 42 discos - 19"	12.700,00		18.400,00	44,8%
M. FERGUNSON 40 dis. - 18"	7.070,00		13.692,00	93,6%
CARRETA AGRÍCOLA:				
MASAL - 5,5 ton.	8.700,00		13.850,00	59,1%

Considerando que a população brasileira precisa ser alimentada a preços acessíveis, é um imperativo nacional que o preço dos bens de produção, especialmente equipamentos e insumos, tam-

bém sejam acessíveis.

A política governamental traçada para o desenvolvimento de outros setores da indústria brasileira, ainda não atingiu o de equipamentos agrícolas.

O número de pequenas indústrias é elevado e a sua diversificação exagerada. Há necessidade de sua racionalização a fim de reduzir os preços de seus produtos.



A Trevo está abrindo os corredores de exportação

Já em 1974 estará operando o complexo industrial de fertilizantes junto ao Superporto de Rio Grande.

Com uma produção inicial prevista de 450 mil toneladas anuais de adubos granulados, a nova fábrica vai ajudar os agricultores gaúchos a produzirem safras ainda maiores.

Os mesmo cargueiros e vagões ferroviários, que chegarem ao Superporto com os produtos agrícolas de exporta-

ção, levarão de volta aos centros de produção os fertilizantes que a terra precisa.

Com isso se atingirá um dos objetivos do Governo ao criar os corredores de exportação: racionalizar a produção agrícola.

ADUBOS  TREVO
INDÚSTRIAS LUCHSINGER MADÖRIN S.A.

COMPRA DE SOJA PELO GOVÉRNO

Segundo as normas estabelecidas pelo Govérno da República, para a aquisição de um milhão de toneladas de soja em todo o País, coube um total de 508 mil toneladas para o estado do Rio Grande do Sul. Para a COTRIJUI coube uma quota de 58.726 toneladas, que corresponde a 20 por cento do volume total recebido pela cooperativa, para a comercialização da safra.

O texto abaixo explica com detalhes o sistema de armazenagem e liquidação do produto, beneficiando, inclusive, associados que tenham liquidado sua produção antes da vigência das referidas normas:

COMPRA DE SOJA PELO GOVERNO FEDERAL

1)—A Cooperativa recebe Cr\$ 75,00 por 60 quilos de soja a granel depositados em seus armazéns, pagando 15 por cento ao ano de juros no prazo do vencimento, ou seja dia 30 de novembro se, ao invés de entregar a soja ao governo, liquidar a operação.

2)—As despesas de armazenagem, classificação, seguro, estiva, embarque, energia elétrica, etc., são despesas da Cooperativa que precisam ser deduzidas dos Cr\$ 75,00 recebidos. A Cooperativa reserva para essas despesas e outras eventuais Cr\$ 3,00 por saca de soja, e se ocorrer sobre a comercialização a mesma será distribuída por ocasião do encerramento do exercício social.

3)—Fica assegurado aos produtores associados que entregaram a sua produção à Cooperativa até o dia 11 de julho de 1975, independente da modalidade de entrega, o valor de Cr\$... 72,00 por saca, sobre 20 por cento da produção entregue.

4)—Até a data de 15 de agosto o associado que tem soja entregue na modalidade depósito poderá receber o adiantamento de Cr\$ 72,00 por saca de soja, sobre 20 por cento do produto entregue e, até a data de 17 de novembro para efetuar a sua liquidação, ocorrendo neste caso a incidência financeira de 1,25% ao mês, mais 2,5% do FUNRURAL, ou seja: $72 \times 1,25 = 0,90/\text{mês} + 1,87 (\text{Funrural}) = \text{Cr\$} 74,77$. Portanto, se liquidar a operação de adiantamento a 30 dias, para receber no mínimo o valor do adiantamento de Cr\$ 75,00, terá que liquidar com a Cooperativa a Cr\$...

40 dias: Cr\$75,08;
50 dias: Cr\$75,39;
60 dias: Cr\$75,70;
70 dias: Cr\$76,01;
80 dias: Cr\$76,32;
90 dias: Cr\$76,63;
100 dias: Cr\$76,94;
110 dias: Cr\$77,25;
120 dias: Cr\$77,56;

ATENÇÃO: o prazo final para liquidar a operação será impreterivelmente "17 de novembro de 1975". Expirado o referido prazo, para aqueles produtores que receberam o adiantamento, automaticamente a Cooperativa entregará a soja ao governo, e o produtor terá liqui-

dado a parcela pela qual optou, pelo valor de Cr\$72,00 sem despesa financeira.

5)—Os produtores que entregaram a soja na modalidade Preço-Médio receberão sobre 20% do produto entregue, complementação de adiantamento, tendo por base a diferença entre o adiantamento já liberado pela Cooperativa e o financiamento especial de Cr\$72,00 proporcionado pela compra de soja pelo governo. Exemplo: Financiamento do Governo — Cr\$ 72,00/sc.

Adiantamento da Cooperativa — Cr\$60,00/sc
Diferença — Cr\$12,00/sc
20% sobre Cr\$12,00 = Cr\$... 2,40/sc.

Pelo cálculo supra, caberá aos produtores um adicional de adiantamento de Cr\$2,40 por saca de soja entregue.

6)—Os associados que entregaram soja na modalidade Depósito receberão o reajuste sobre 20% do produto já liquidado até o dia 11 de julho de 1975, tendo por base a diferença entre o valor de setenta e dois cruzeiros assegurados pelo Governo. Exemplo: Preço assegurado pelo Governo — Cr\$72,00/sc. Preço da liquidação — Cr\$ 66,00/sc. Diferença — Cr\$ 6,00/sc. 20% sobre Cr\$6,00 = Cr\$ 1,20/sc.

Portanto o produtor que liquidou a Cr\$ 66,00 receberá um reajuste de Cr\$ 1,20/sc deduzido o FUNRURAL.

CONHEÇA O PLANO DE AÇÃO DO "PROCAL"

Os agricultores já estão conscientes da importância do calcário no aumento da produtividade das lavouras.

A operação Tatu, iniciada no ano de 1968 em Ijuí, provou que o uso racional do calcário acompanhado do adubo corretivo pode recuperar uma terra esgotada. Diversas lavouras já abandonadas porque não produziam nem mandioca, com a correção do solo voltavam a produzir altos rendimentos de soja e milho. Uma nova oportunidade se abria ao pequeno agricultor que tinha como certo a necessidade de procurar novas terras em outras regiões.

O interesse cada vez maior pelo calcário tem inflacionado os seus preços e baixado a qualidade. É necessário que cada agricultor exija a colocação da porcentagem do PRNT (qualidade do calcário) na extração do pedido, mande fazer uma análise da amostra do produto recebido e faça o pagamento proporcional à qualidade.

É importante que cada agricultor se preocupe com a qualidade do calcário e auxilie como fiscal, a fim de que as indústrias e os comerciantes possam oferecer o produto por preço proporcional a qualidade. Se não houver preocupação por parte do agricultor, é evidente que essas indústrias vão continuar vendendo qualquer tipo de produto pelo preço que lhes interessar.

Consciente da importância do calcário no aumento da produtividade o governo instituiu o PROCAL, que será executado de 1975 a 1979, com os seguintes objetivos:

- 1 — Defesa do patrimônio nacional, a terra;
- 2—Aumento da produtividade do solo;
- 3—Criação das bases necessárias à implantação mais eficaz do Programa Nacional de Fertilizantes.

Financiamentos do Consumo

- 1—Os financiamentos destinam-se à aquisição, transporte e distribuição de calcário;
- 2—Os beneficiários serão os produtores rurais, diretamente ou através de suas cooperativas;
- 3—Nos casos de correção intensiva os financiamentos terão o prazo de 5 anos, inclusive 2 anos de carência, independente de ter o agricultor capacidade para liquidar dívida em menor prazo;
- 4—Esses financiamentos serão isentos de juros;

5—Tendo em vista que tais financiamentos são proporcionados em função das atividades rurais exercidas pelos interessados, a assistência técnica acaso requerida nas operações de financiamentos será considerada parte integrante dos serviços relativos àquelas atividades. O seu custo, respeitado o limite equivalente a 1 por cento ao ano sobre os saldos devedores, poderá ser incluído nos orçamentos de custeio das explorações dos agricultores para pagamento direto a entidade prestadora da assistência técnica.

Convênio com o Banco do Brasil

Para prestação de assistência técnica em sua área, a COTRIJUI já encaminhou convênio ao Banco do Brasil. Com o Banco do Rio Grande do Sul já existe convênio há mais tempo. O Depto. Técnico da COTRIJUI encaminha o financiamento do PROCAL. No caso dos financiamentos do PROCAL, essa assistência será constituída de:

- 1—Orientação na coleta de amostras do solo para análise;
- 2—Orientação nos serviços de conservação do solo;
- 3—Elaboração de projeto técnico destinado a obtenção do financiamento para correção do solo que sairá em dois contratos: a) Calcário — 5 anos de prazo inclusive 2 anos de carência sem juros; d) Adubo corretivo — até 5 anos de prazo com 40 por cento de subsídio e 15 por cento ao ano de juros.
- 4—Elaboração de projetos técnicos para outras atividades;
- 5—Visitas periódicas às propriedades que necessitem de assistência técnica e encaminhamento de laudos ao Banco dando conhecimento da situação das explorações.

Os novos financiamentos serão programados conjuntamente pelo pessoal da assistência técnica. Para a realização desse trabalho os agricultores deverão assinar um contrato de serviços com a COTRIJUI, no Departamento Técnico, através do qual pagarão a taxa de 1 por cento sobre o valor do financiamento. Havendo necessidade de assistência técnica pagarão 1 por cento ao ano sobre o saldo devedor do financiamento no período de assistência.

A equipe técnica de cada instalação da COTRIJUI está em condições de prestar esclarecimentos aos interessados.

DISCIPLINA DE USO DO PROAGRO

O fundo Cooperativo de Auxílio contra o Granizo instituído pela FECOTRIGO, foi extinto conforme autorização de assembléia geral das Cooperativas realizada em 26 de junho último.

As razões de sua extinção foi a criação, pelo governo, do PROAGRO — Programa de Garantia da Atividade Agropecuária. Em razão disso não serão recebidas as declarações para habilitação ao FUNGRAN conforme os anos anteriores.

PROAGRO — Programa de Garantia das Atividades Agropecuárias.

A lavoura de trigo desta região será a primeira a participar do PROAGRO. Seus detalhes já constaram do Cotrijornal nº 18, de abril último. Os triculto-

res, por ocasião da elaboração da proposta de financiamento da lavoura de trigo, já manifestaram o seu desejo de participar do PROAGRO e, posteriormente, no contrato de financiamento ficou explícito uma cláusula com essa decisão.

Face a importância do assunto, vamos transcrever as partes essenciais das normas complementares do PROAGRO.

— A adesão ao PROAGRO assegurou ao produtor rural a cobertura de até 80 por cento do valor do saldo devedor do financiamento de custeio da lavoura de trigo:

—Somente serão indenizados os tricultores cuja colheita não for suficiente para liquidação do contrato de financiamento e na proporção já citada;

— O PROAGRO cobrirá os prejuízos decorrentes de fenômenos naturais, pragas e doenças, sem métodos de combate ou controle, a critérios da assistência técnica;

— O Tricultor se obrigará a recolher toda a renda proveniente da colheita, ficando isento dessa condição aquele que tiver prejuízo total;

—Comunicar ao Banco financiador, imediatamente, a ocorrência de prejuízo;

— Aceitar todas as condições do regulamento do PROAGRO, já transcrito do Cotrijornal nº 18, bem como pagar 1 por cento ao ano sobre o financiamento de custeio por ocasião de sua liquidação. Em caso de atraso pagará mais a multa de 10 por cento ao ano, sobre o seu valor.



Vocês já notaram que em cada número do COTRISOL tem alguma participação de crianças? As vezes são trovas, as vezes histórias ou adivinhações, labirintos, palavras cruzadas, histórias em quadrinhos...

Esta vez contamos com a participação dos alunos da Escola de Área 19 de Outubro, e a colaboração do Fernando e do Hervê da Escolinha de Arte da FIDENE.

E você que está lendo o COTRISOL, quando vai mandar a sua cartinha? Mas não esqueça: Se você mandar um desenho, uma história, etc.

E agora, divirta-se ajudando a Bolinha encontrar o Bolinho neste labirinto abaixo:

SUPLEMENTO INFANTIL – AGOSTO/75

Elaboração: Viro Frantz – Moacir Lima – Wally Arns

ESOLINHA DE ARTE DA FIDENE

Rosa Maria no castelo encantado

Érico Veríssimo é escritor gaúcho, natural de Cruz Alta. Ele também escreve para crianças. Além de "Aventuras de Tibicuera" ele escreveu:

- As aventuras do avião vermelho
- Rosa Maria no castelo encantado
- Os três porquinhos pobres
- O urso-com música na barriga
- A vida do elefante Basílio
- Outra vez os três porquinhos.



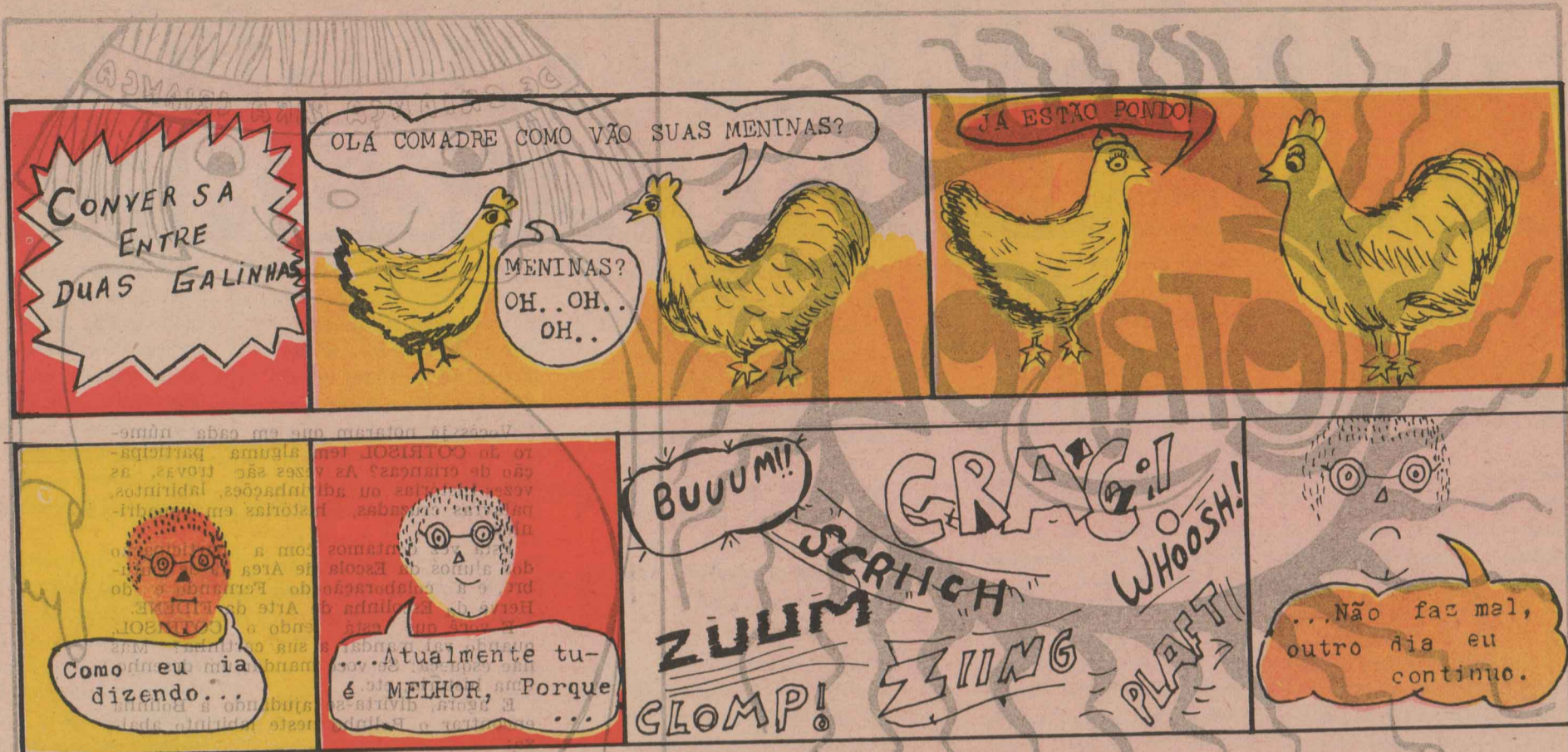
Os seus livros a gente pode encomendar na Editora Globo S. A. de Porto Alegre.

No livro "Rosa Maria no Castelo Encantado", a menina entra na casa do mágico justamente porque é uma criança. Os adultos não conhecem a segredo do mágico, nem sabem que sua casa é um Castelo Encantado com anõezinhos verdes e barrigudos, com um gato que toca piano. Com vaquinhas de tamanho de um rato e formiguinhas tirando leite. Baratas que pintam as paredes. Bonecas que falam e andam. Uma salsicha que se transforma em cachorro, com nome de cachorro quente. No bosque Encantado, onde Rosa Maria, foi passear, ela encontra a Branca de Neve e seu príncipe e gato de botas, o Chapeuzinho Vermelho, o Pequeno Polegar e muitos outros personagens dos Contos de Fada.

A BOLINHA PRA CASAR COM O BOLINHO TEM QUE ATRAVESSAR TODO ESSE LABIRINTO E ESTÁ SEM GUIA. VOCÊ PODE SER UM GUIA?



FERNANDO 13 ANOS



A FUGA

Mal colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala, fazendo um barulho infernal.

— Pára com esse barulho, meu filho — falou, sem se voltar.

Com três anos já sabia reagir como homem ao impacto das grandes injustiças paternas: não estava fazendo barulho, estava só empurrando uma cadeira.

— Pois então pára de empurrar a cadeira.

— Eu vou embora — foi a resposta.

Distraído, o pai reparou que ele juntava ação às palavras, no ato de juntar do chão suas coisinhas, enrolando-as num pedaço de pano. Era a sua bagagem: um caminhão de madeira com apenas três rodas, um resto de biscoito, uma chave (onde diabo meteram a chave da despensa? — a mãe mais tarde irá dizer), metade de uma tesourinha enferrujada, sua única arma para a grande aventura, um botão amarrado num barbante.

A calma que baixou na sala era vagamente inquietante. De repente, o pai olhou ao redor e não viu o menino. Deu com a porta da rua aberta; correu até o portão:

— Viu um menino saindo desta casa? — gritou para o operário que descansava diante da obra do outro lado da rua, sentado no meio-fio.

— Saiu agora mesmo com uma trouxinha — informou ele.

Correu até a esquina e teve tempo de vê-lo ao longe, caminhando cabisbaixo ao longo do muro. A trouxa, arrastada no chão, ia deixando pelo caminho alguns de seus pertences: o botão, o pedaço de biscoito e — saíra de casa prevenido — uma moeda de 1 cruzeiro. Chamou-o, mas ele apertou o passinho, abriu a correr em direção à avenida, como disposto a atirar-se diante da lotação que surgia à distância.

— Meu filho, cuidado!

O lotação deu uma freada brusca, uma guinada para a esquerda, os pneus cantaram no asfalto. O menino, assustado, arrepiou carreira. O pai precipitou-se e o arrebanhou com o braço como a um animalzinho:

— Que susto você me passou, meu filho! — e apertava-o contra o peito, fora de si. Deixa eu descer, papai. Você está me machucando. Irresoluto, o pai pensava agora se não seria o caso de lhe dar umas palmadas:

— Machucando, é? Fazer uma coisa dessas com seu pai.

— Me larga. Eu quero ir embora.

Trouxe-o para casa e o largou novamente na sala, tendo antes o cuidado de fechar a porta da rua e retirar a chave, como ele fizera com a da despensa.

— Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando.

— Fico, mas vou empurrar esta cadeira.

E o barulho recomeçou.

FERNANDO SABINO

(em Quadrante 1 Ed. do Autor)



MÚSICA POPULAR

LUIZ GONZAGA

"Meu nome é Luiz Gonzaga.
Não sei se sou fraco ou forte,
Só sei que graças a Deus
Té pra nasce tive sorte.
Após nasci em Pernambuco
Famoso leão do norte.

Nas terras de novo Exú
Da Fazenda Caiçara
Im nvecentos e doze
Vi o mundo minha cara.

Dia de Santa Luzia
Purisso é que sou Luiz,
No mês que Cristo nasceu
Purisso é que sou feliz".

Luiz Gonzaga nasceu a 13 de dezembro de 1912. Em Araripe, no Sertão Pernambucano. Seu pai era Sanfoneiro e com ele que Luiz Gonzaga começou a tocar em fandangos e festas.

"No ano de quarente e oito
A dezesseis de São João
Casou-se Luiz Gonzaga
Famoso Rei do Baião".

Luiz Gonzaga casou com Helena das Neves e tem dois filhos: Rosinha e Luizinho.

LUIZ



GONZAGA

ASSUM PRETO

Tudo em volta é só beleza
Sol de abril e a mata em frô
Mas assum preto, cego dos óio,
Num vendo a luz, aí, canta de dor.

Tarvez por iguironança
Ou mardade das pior
Furar os óio do assum preto
Pra ele assim, aí, canta mior.

Assum preto veve soltó
Mas num pode avoa
Mil veis a sina de uma gaiola
Desde que o céu, aí, pudesse oiá.

Assum preto, o meu cantá
É tão triste quando o teu
Também roubaro o meu amor
Que era a luz, aí, dos óios meu.

ASA BRANCA

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do Céu, aí,
Porque tamanha judiação.

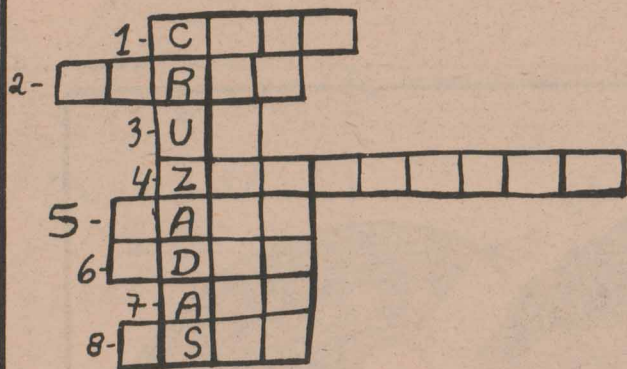
Que brazeiro, que fornaia
Nenhum pé, de prantação
Por falta d'água morreu meu gado
Morreu de sede meu alazão.

Inté mesmo a Asa Branca
Bateu asas pro sertão
Entonce eu disse: adeus Rosinha,
Guarda contigo meu coração.

Hoje longe muitas légua
Numa triste solidão
Espero a chuva cai de novo
Pra mim voltá pro meu sertão.

Quando o verde dos teus óic
Se espaiá na prantação
Eu te asseguro, não chorre não, viu

Que eu voltarei, viu, pro meu sertão.



- 1- LAR
- 2- BRAVO
- 3- PRIMEIRO NÚMERO
- 4- LUGAR ONDE VIVEM VÁRIOS ANIMAIS
- 5- FLUXO E REFLUXO PERIÓDICO DAS AGUAS DO MAR
- 6- PRIMEIRO HOMEM
- 7- GOVERNANTA
- 8- COMIDA QUE O CÃO MAIS GOSTA

Henri Callai Costa Beber - 8 anos

R casa tem um zoológico mãe Adão Ana Ana



FESTA DE SÃO JOÃO

A festa de São João é uma das manifestações folclóricas mais bonitas do nosso povo e amplamente difundida na região. Enormes fogueiras iluminam a noite. O fogo, com toda sua primitiva e desenfreada força e calor, atrai e facina as pessoas, agrupando-as em seu redor. Crianças e adultos cantam, dançam, dizem versos. A pipoca, as batatas assadas, o quentão circulam... É noite de festa. As pessoas, fazendo um círculo em torno da fogueira, esquecem suas desavenças e o peso do dia a dia.

Os alunos de V^o e VI^o série da Escola de Área 19 de Outubro — Ijuí, estimulados pela profa. Maria Helena Frantz, participaram da festa de São João de sua escola, inventando e declamando versos. Nós vamos transcrever alguns deles e queremos incentivar a todos para que continuem demonstrando do que são capazes:

Viva, viva! São João
E todos aqui presentes
Comemorando esta noite
Cantando alegremente
(FEITO EM GRUPO)

Nesta noite de São João
Tem muito nego no chão
Querendo pipoca e pinhão
Se apagando no quentão
(JAIR)

Atenção, minha gente
Nesta noite de São João
Quero saudar meus amigos
Que estão neste salão.
(JOÃO)

Nesta noite de São João
Vamos comer muito pinhão
Nesta volta do salão
Há uma porção de balão
(MIGUEL)

Querido povo presente
Escute o que eu vou dizer
Quem não sabe fazer versos
Vem aqui aprender
(CLEDI)

Nesta noite de São João
Tem muita gente no salão
Embutada com batata
E dura de quentão
(CEZAR)

Nesta noite de São João
Fizemos uma brincadeira
Quem declarar por último
Arranco a cabeleira
(ADELINO)

Nesta noite de São João
Gauchada do galpão
Vai dançar a chimarrita
Vai trovar ao violão
(JURACI)

Queremos comunicar ainda aos alunos da Escola de Área 19 de Outubro, que ficamos muito satisfeitos pelo fato de gostarem do COTRISOL e esperamos cartilhas e colaborações de todos.